

Agro Mensal
Consultoria Agro | Itaú BBA

Setembro/2026

Foto: CNA/Wenderson Araújo

Índice

Clima

Chuvas avançam, mas irregularidade segue no radar

Soja

Equilíbrio global apertado mantém atenção voltada ao clima no Brasil

Farelo e Óleo

Estoques estáveis mantêm atenção sobre consumo global de óleos

Milho

Menor oferta dos EUA eleva atenção à safra sul-americana

Algodão

Clima e plantio da soja serão decisivos para expansão do algodão no Brasil

Arroz

Fundamentos globais sustentam viés mais construtivo

Trigo

Geopolítica e qualidade sustentam perspectivas de mercado

Boi

Perspectiva construtiva eleva contratos para o fim do ano

Frango

Setor segue apoiado por custos controlados e exportações

Suíno

Mercado busca equilíbrio em meio à expansão produtiva

Café

Regularidade das chuvas será determinante para a safra 2027/28

Laranja

Safra 2026/27 de laranja é revisada para 263 MM de caixas

Açúcar

Safra 2026/27 CS revisada reforça desafios à oferta global de açúcar

Etanol

Demanda, alta do açúcar e ajustes regulatórios redesenham as perspectivas para etanol

Fertilizantes

Tensões no Oriente Médio elevam cautela no mercado de fertilizantes



Após agosto mais seco, início de setembro marca retorno das chuvas

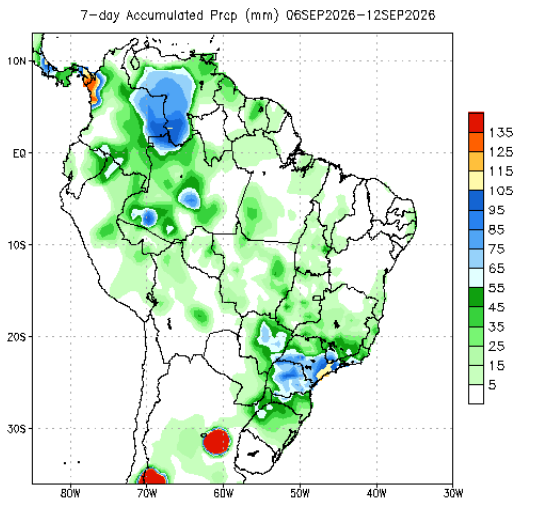
Agosto foi marcado por tempo seco e quente no Brasil Central, favorecendo colheitas e preparo das áreas para a safra de verão. No início de setembro, as chuvas retornaram de forma irregular, enquanto o Sul voltou a monitorar os impactos da maior umidade sobre o trigo.

Agosto manteve o padrão típico de inverno no Brasil Central, com predomínio de tempo seco, baixa umidade e temperaturas elevadas. As chuvas ficaram restritas a episódios pontuais, principalmente no oeste de Mato Grosso, sem alterar de forma significativa as condições de umidade do solo na maior parte do Centro Oeste. O tempo firme favoreceu a conclusão da colheita do milho de segunda safra, do algodão e do sorgo, além da preparação das áreas para a safra de verão.

No Sul, os volumes de chuva ficaram abaixo do inicialmente previsto em parte de agosto, e a redução das precipitações no fim do mês abriu uma importante janela para o avanço das operações de campo. A melhora das condições permitiu a retomada dos manejos do trigo e da canola, a preparação das áreas de arroz, o avanço da colheita do milho de segunda safra no Paraná e o plantio do milho verão. Ainda assim, a umidade acumulada dos meses anteriores manteve dificuldades pontuais de acesso às lavouras e favoreceu a incidência de doenças nas culturas de inverno, especialmente nas áreas produtoras de trigo do Paraná.

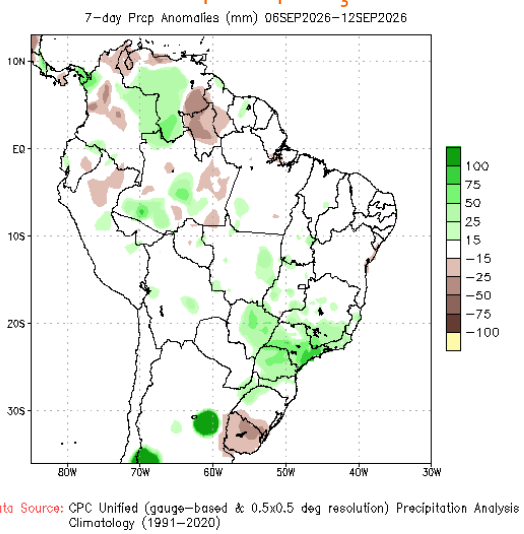
Na primeira semana de setembro, as chuvas avançaram sobre áreas de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e outras regiões do Centro Oeste e Sudeste, trazendo uma melhora inicial das condições de umidade após o período seco de agosto. No entanto, as precipitações ocorreram de forma irregular e localizada, sem caracterizar o estabelecimento definitivo da estação chuvosa no Brasil Central. No Sul, uma massa de ar frio provocou queda das temperaturas e geadas pontuais em áreas mais elevadas, enquanto o retorno das chuvas voltou a elevar a atenção para o excesso de umidade, os desafios operacionais e a pressão de doenças nas culturas de inverno.

Acumulado entre 06 a 12/09



Fonte: NOAA

Anomalia da precipitação



Fonte: NOAA



Chuvas avançam, mas irregularidade segue no radar

As chuvas devem avançar sobre o Brasil Central ao longo de setembro, favorecendo o plantio da soja e beneficiando café e citros. Ainda assim, a irregularidade das precipitações segue como fator de atenção no Centro-Oeste e MATOPIBA, enquanto o excesso de umidade mantém riscos elevados para o trigo no Sul.

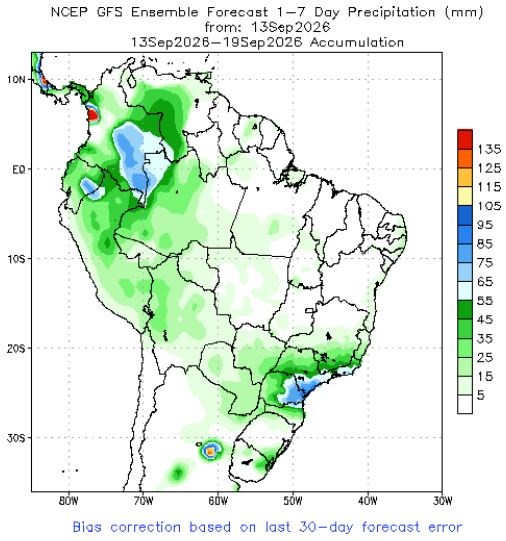
Para as próximas semanas, os modelos indicam o avanço das chuvas sobre parte do Centro-Oeste, Sudeste e Norte do país, favorecendo o início do plantio da safra de verão. Apesar da melhora das condições de umidade, a distribuição das precipitações deve seguir irregular ao longo de setembro, sem garantir, por enquanto, o estabelecimento definitivo da estação chuvosa em importantes regiões produtoras.

Nesse cenário, o avanço do plantio da soja tende a ser mais cauteloso em Mato Grosso e Rondônia, diante do risco de semeadura com baixa umidade e posterior necessidade de replantio. No MATOPIBA, um eventual atraso na regularização das chuvas pode postergar a implantação das primeiras áreas e aumentar a exposição das lavouras a períodos secos e temperaturas elevadas durante o verão.

As precipitações observadas neste início de setembro também são positivas para outras culturas. No café, contribuem para o desenvolvimento e a uniformidade das primeiras floradas da safra 2027/28, além de favorecer a reposição da umidade dos solos após o período seco. Na citricultura, as chuvas ajudam a reduzir o estresse hídrico dos pomares e favorecem o desenvolvimento dos frutos.

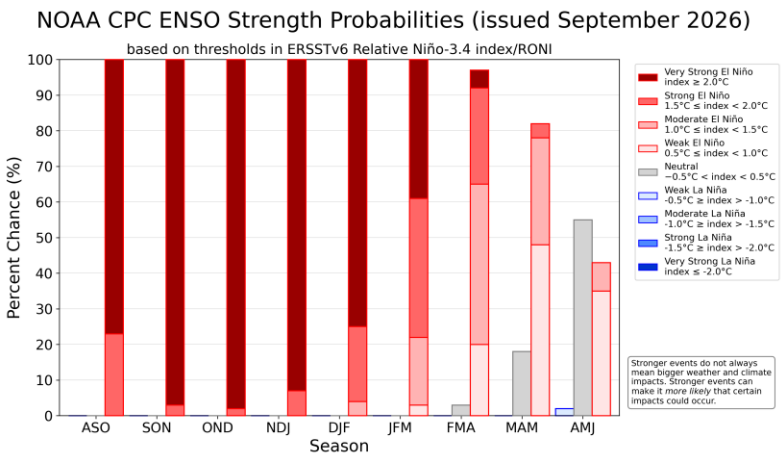
No Sul, as chuvas devem permanecer mais frequentes, especialmente no Rio Grande do Sul, elevando o risco de excesso de umidade, menor luminosidade e maior pressão de doenças. Para o trigo, esse cenário exige atenção adicional, uma vez que pode aumentar a incidência de doenças fúngicas e comprometer a qualidade dos grãos durante as fases finais do ciclo e da colheita.

Acumulado entre 13 a 19/09



Fonte: NOAA

Probabilidade de El Niño e intensidade projetada



Fonte: IRI/NOAA



Demanda firme e piora das lavouras nos EUA sustentaram a soja em agosto

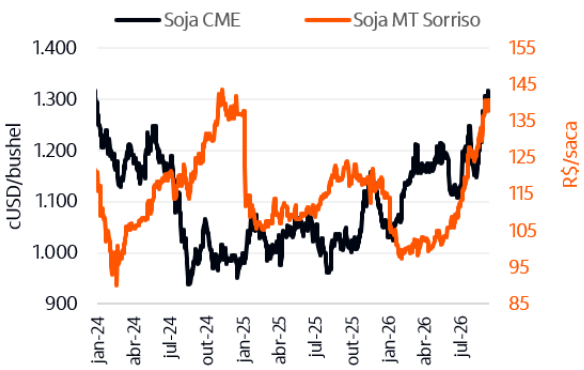
A soja encerrou agosto em alta moderada na CBOT, diante da retomada das compras chinesas e da deterioração das lavouras nos EUA. No Brasil, prêmios de exportação firmes, câmbio e menor disponibilidade interna impulsionaram os preços.

No mercado internacional, a média do primeiro vencimento da soja na CBOT atingiu USD 11,99/bu em agosto, alta de 0,4% frente a julho. O mês foi marcado por elevada volatilidade, com as cotações inicialmente pressionadas pelas perspectivas de uma safra recorde nos EUA. No relatório de agosto, o USDA estimou a produção norte-americana em aproximadamente 123 MM t, sustentada principalmente pelo aumento da área cultivada, apesar da revisão negativa da produtividade. Ao longo da segunda metade do mês, entretanto, a piora das condições das lavouras trouxe novamente algum prêmio climático para as cotações. A parcela da soja avaliada como boa ou excelente caiu para 58% ao final de agosto, ante 65% no mesmo período de 2025, enquanto a cultura avançava para as fases finais de formação de vagens e enchimento de grãos.

A demanda também contribuiu para a sustentação dos preços. A China acelerou as compras de soja norte-americana da safra 2026/27, favorecendo uma recuperação das vendas antecipadas dos EUA após o fraco desempenho observado no ciclo anterior. Até o final de agosto, as vendas externas norte-americanas da nova safra alcançavam cerca de 11,9 MM t, praticamente o dobro do volume registrado um ano antes.

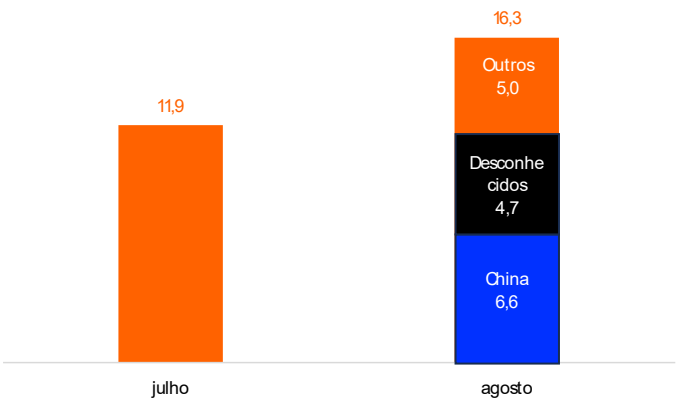
No Brasil, o movimento de alta foi significativamente mais intenso. A soja em Sorriso apresentou média de R$ 129/sc em agosto, avanço de 7,9% na comparação mensal. Além da recuperação observada em Chicago na segunda metade do mês, os preços domésticos foram sustentados pela valorização cambial, pelos prêmios de exportação firmes e pela demanda ativa nos portos e no mercado interno. Com a comercialização da safra 2025/26 mais avançada e o país entrando no período de entressafra, parte dos produtores reduziu a disponibilidade de lotes no mercado spot, exigindo valores mais elevados para realizar novas vendas. Esse ambiente levou os preços FOB nos portos brasileiros aos maiores patamares dos últimos três anos.

Preço da soja em Chicago e em Sorriso



Fonte: CBOT, Cepea

Vendas da safra 2026/27 dos EUA, MM t



Fonte: USDA



Equilíbrio global apertado mantém atenção voltada ao clima no Brasil

Apesar da maior safra dos EUA, a redução dos estoques do país reforça uma perspectiva de mercado equilibrado, com forte demanda pelo grão. No campo, o plantio deve avançar mais rapidamente no Paraná, enquanto Mato Grosso e Rondônia dependem de chuvas mais regulares para ganhar ritmo.

No relatório de setembro, o USDA promoveu apenas ajustes marginais no balanço global de soja 2026/27. A principal revisão foi o aumento da produção norte-americana, refletindo uma safra um pouco melhor que a projetada anteriormente, o que também permitiu elevar a expectativa de exportações dos EUA. Por outro lado, esse maior fluxo exportador reduziu os estoques finais do país, mantendo o mercado relativamente ajustado. Na China, principal importadora mundial, as projeções de importação e esmagamento foram mantidas, reforçando a expectativa de demanda firme.

Para Brasil e Argentina, não houve mudanças relevantes nos números de produção, consumo ou exportação. Como resultado, o estoque final global foi ligeiramente reduzido, indicando que o crescimento da oferta continua sendo amplamente absorvido pela demanda e preservando um quadro de equilíbrio mundial relativamente apertado para a temporada 2026/27.

As previsões climáticas para as próximas duas semanas indicam um cenário bastante distinto entre as principais regiões produtoras do país. Enquanto o Paraná deverá receber volumes mais significativos e regulares de chuva, favorecendo a reposição da umidade do solo e o avanço dos trabalhos de campo, Mato Grosso e Rondônia seguem com precipitações mais irregulares e distribuídas de forma desigual. Nesse contexto, a expectativa é de um ritmo de plantio mais acelerado da soja no Paraná ao longo de setembro, especialmente na região Oeste, onde as condições climáticas tendem a ser mais favoráveis. Já em Mato Grosso e Rondônia, os produtores devem adotar uma postura mais cautelosa, com a semeadura ocorrendo de forma gradual e escalonada durante o mês, à espera de maior regularidade das chuvas para garantir melhores condições de estabelecimento das lavouras.

Balanço global de O&D de soja, MM t

MM t	2023/24	2024/25	2025/26	2026/27	Var.
Estoque Inicial	102	115	126	125	-1%
Produção	396	428	429	442	3%
EUA	113	119	116	123	6%
Brasil	155	173	181	186	3%
Argentina	48	51	50	50	1%
China	21	21	21	21	0%
Outros	60	65	63	62	-1%
Consumo	384	412	431	442	3%
Estoque Final	115	126	125	124	-1%
E/C	30%	31%	29%	28%	

Fonte: USDA

Balanço americano de O&D de soja, MM t

EUA	2024/25	2025/26	2026/27(ago)	2026/27(set)	Var.	Var.
MM t		a	b	c	c/a	c/b
Estoque Inicial	9,3	8,8	8,8	8,8	0,1%	0,0%
Produção	119,0	116,0	123,0	123,4	6,4%	0,4%
Área Colhida (mm ha)	34,9	32,6	34,7	34,8	6,8%	0,1%
Produtividade (t/ha)	3,4	3,6	3,5	3,6	-0,3%	0,3%
Importação	0,8	0,7	0,7	0,7	0,0%	0,0%
Consumo Doméstico	68,8	75,3	78,6	78,7	4,5%	0,0%
Esmagamento	66,5	72,3	75,7	75,7	4,7%	0,0%
Exportação	51,5	41,4	45,2	45,9	10,9%	1,5%
Estoque Final	8,8	8,8	8,7	8,4	-4,7%	-3,2%
E/C	7,3%	7,6%	7,0%	6,8%		

Fonte: USDA



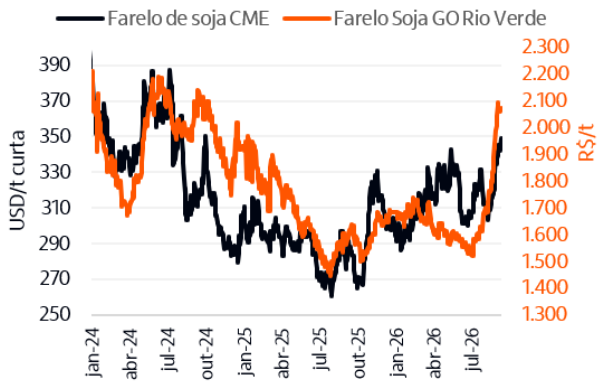
Oferta externa pressionou derivados, enquanto câmbio e demanda sustentaram preços no Brasil

Farelo e óleo de soja recuaram na CBOT em agosto, refletindo a perspectiva de maior oferta global e o avanço do esmagamento. No Brasil, câmbio, firmeza da soja em grão e demanda pelos derivados sustentaram as cotações.

A média do farelo de soja na CBOT atingiu USD 316,4/t em agosto, queda de 0,9% frente a julho. As cotações foram pressionadas pela perspectiva de crescimento do esmagamento nos EUA, no Brasil e na Argentina, movimento que amplia a disponibilidade global do derivado. A expectativa de uma safra norte-americana volumosa também contribuiu para limitar os preços, apesar da piora das condições das lavouras ao longo do mês. Além disso, a retomada gradual dos embarques argentinos aumentou a concorrência entre os principais exportadores. Por outro lado, a demanda internacional permaneceu ativa e restringiu perdas mais expressivas. No Brasil, a média em Rondonópolis alcançou R$ 1.703/t, alta de 8,3%. O movimento refletiu principalmente a valorização da soja em grão e do câmbio, que elevou o custo de reposição das indústrias e fortaleceu a paridade de exportação. A demanda externa também ofereceu suporte. Os embarques de agosto encerraram em 2,3 MM t, volume 20% superior ao observado no mesmo mês de 2025.

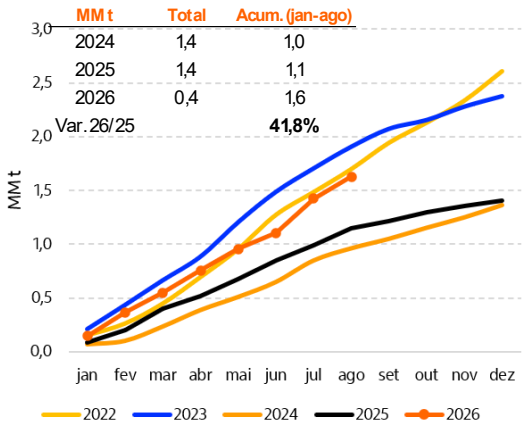
No óleo de soja, a média na CBOT ficou em USDc 68,9/lb, recuo de 3,4%. Após as altas anteriores, os preços foram pressionados pelo aumento esperado da produção, pela concorrência de outros óleos vegetais e pelas incertezas sobre a política de biocombustíveis. O avanço do esmagamento norte-americano tende a ampliar simultaneamente a oferta de farelo e óleo, enquanto a maior disponibilidade de outros óleos vegetais, incluindo palma, canola e óleo de girassol, intensificou a concorrência no mercado internacional. Ainda assim, a demanda voltada à produção de biocombustíveis e a relação com os preços do petróleo continuaram limitando quedas mais acentuadas. No Mato Grosso, a média do óleo de soja atingiu R$ 6.029/t em agosto, avanço de 2,5% em relação a julho. A alta ocorreu mesmo diante do recuo em Chicago, sustentada pela valorização cambial, pelo aumento do custo da matéria-prima e pela demanda doméstica para biodiesel.

Preços do farelo na CBOT e em Rio Verde



Fonte: CBOT, Cepea

Evolução das exportações de óleo de soja do Brasil, MM t



Fonte: Secex



Estoques estáveis mantêm atenção sobre consumo global de óleos

O aumento da oferta mundial de óleos vegetais sugere um cenário mais confortável em 2026/27, porém ainda sem ampla recomposição de estoques. Ao mesmo tempo, a divergência sobre a demanda chinesa mantém suporte ao complexo soja e limita perspectivas de excedentes expressivos.

O balanço global de óleos vegetais do relatório de setembro do USDA mostra um mercado ainda relativamente apertado, mas com expansão da oferta em 2026/27. A produção mundial dos principais óleos vegetais foi projetada em 245,4 MM t, novo recorde histórico e acima dos 239,8 MM t de 2025/26. O crescimento continua sendo liderado pelo óleo de soja, cuja produção deve atingir 75,1 MM t, refletindo a expansão do esmagamento em países como China, Brasil e EUA. O óleo de palma, embora permaneça como o óleo mais produzido e consumido do mundo, apresenta crescimento mais limitado, com produção estimada em 81,1 MM t, ligeiramente abaixo do recorde da temporada anterior devido à menor disponibilidade exportável da Indonésia, que segue direcionando volumes crescentes para biodiesel e consumo doméstico. Os estoques globais totais permanecem praticamente estáveis, em torno de 30,8 MM t, sugerindo que, apesar do aumento da oferta, o mercado seguirá dependente de uma boa execução da safra e do comportamento da demanda energética nos principais países consumidores.

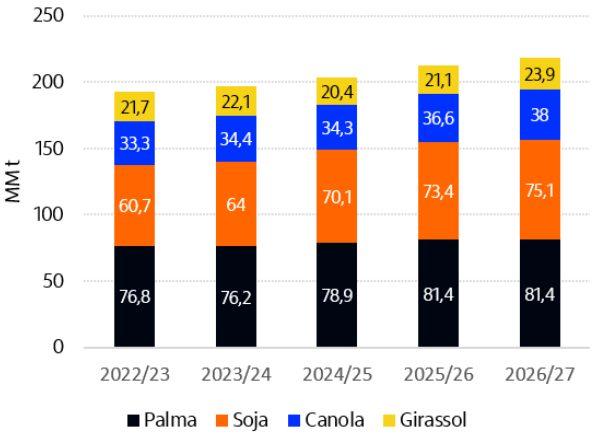
As projeções oficiais e privadas para a demanda de esmagamento de soja na China continuam apresentando diferenças significativas. O relatório de agosto do CASDE projeta o esmagamento de soja em 101 MM t na safra 2025/26 (ante 98,9 MM na safra 2024/25), mas reduz sua estimativa para 94 MM t em 2026/27. Essa projeção mais conservadora reflete os objetivos da política governamental chinesa de reduzir a inclusão de farelo de soja nas formulações de ração animal, e não necessariamente a demanda comercial efetiva do mercado. Em contrapartida, fontes privadas estimam o número para 2026/27 entre 100-105 MM t. Enquanto as projeções governamentais assumem uma redução estrutural do uso de farelo de soja na alimentação animal, os participantes do mercado avaliam que a demanda continua resiliente, sustentando volumes de esmagamento e importação superiores aos números oficiais.

Balanço chinês de oferta e demanda de óleo de soja, MM t

CHINA	2024/25	2025/26	2026/27(ago)	2026/27(set)	Var.	Var.
MM t		a	b	c	c/a	c/b
Estoque Inicial	1,2	0,7	0,8	0,8	6,7%	-2,2%
Produção	20,1	21,8	21,6	21,6	-1,1%	0,0%
Importação	0,3	0,2	0,3	0,2	0,0%	-33,3%
Consumo Doméstico	20,5	20,9	20,8	20,8	-0,5%	0,0%
Esmagamento	103,5	109,0	111,0	111,0	1,8%	0,0%
Exportação	0,3	1,1	0,9	1,0	-4,8%	11,1%
Estoque Final	0,7	0,8	1,0	0,8	-5,5%	-22,5%
E/C	3,6%	3,6%	4,5%	3,4%		

Fonte: USDA

Produção global de óleos – palma, soja, canola e girassol, MM t



Fonte: USDA



Fundamentos externos e oferta limitada impulsionaram o milho

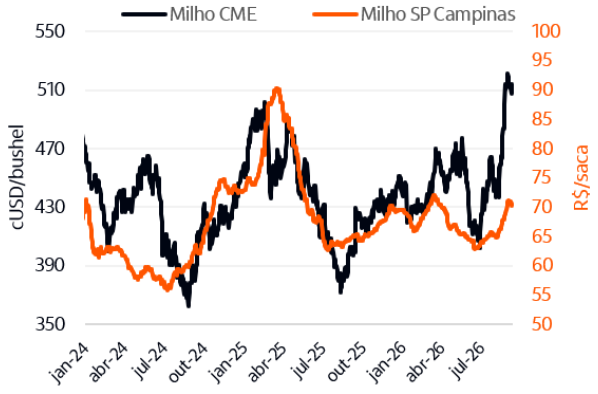
O milho encerrou agosto em forte alta, apoiado pela perspectiva de redução dos estoques americanos, pela deterioração das lavouras nos EUA e pelos riscos no Mar Negro. No Brasil, retenção dos produtores, câmbio e demanda doméstica sustentaram os preços.

No mercado internacional, a média do primeiro vencimento do milho na CBOT atingiu USD 4,68/bu em agosto, alta de 5,7% frente a julho. O avanço ganhou força após o relatório de oferta e demanda do USDA, que trouxe um cenário mais apertado para os EUA. Apesar da expectativa de uma safra norte-americana volumosa, o órgão elevou as projeções de exportação e reduziu os estoques finais do país. Esse movimento reforçou a percepção de que o crescimento da demanda poderá absorver uma parcela relevante da produção e reduziu a pressão baixista que predominava sobre as cotações.

As condições das lavouras norte-americanas também contribuíram para a valorização. Ao final de agosto, 57% do milho era classificado como bom ou excelente, ante 69% no mesmo período de 2025, refletindo os impactos do calor e da baixa umidade em partes das Planícies e do oeste do cinturão agrícola. Além disso, os ataques à infraestrutura portuária russa elevaram os riscos logísticos no Mar Negro e adicionaram prêmio às cotações dos grãos, diante da importância da região para o abastecimento mundial de cereais.

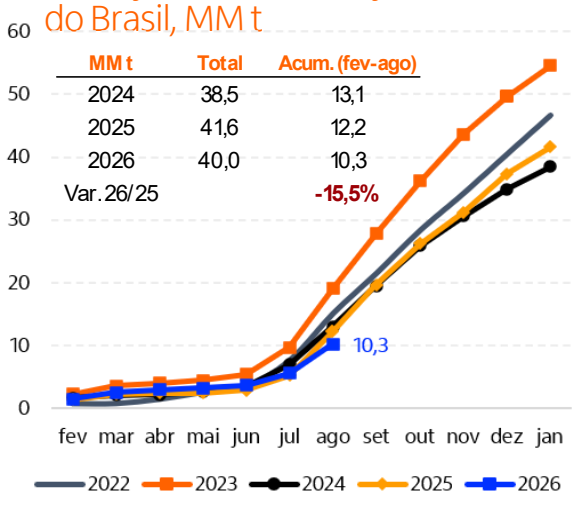
No Brasil, a valorização foi ainda mais expressiva. A média do milho em Sorriso atingiu R$ 47/sc em agosto, alta de 12% em relação a julho. O movimento ocorreu mesmo com o avanço da colheita da segunda safra e a confirmação de uma produção elevada. Parte dos produtores restringiu a oferta no mercado spot, diante da expectativa de novas altas, enquanto consumidores domésticos mantiveram compras pontuais para recomposição de estoques. O câmbio e a recuperação de Chicago também contribuíram para sustentar as cotações, embora a menor competitividade do milho brasileiro tenha limitado o ritmo das exportações. Os embarques de agosto encerraram em 4,7 MM t, volume 32% inferior ao observado no mesmo mês de 2025, refletindo a concorrência mais intensa dos EUA e da Argentina.

Preço do milho em Chicago e em Sorriso



Fonte: CBOT, Cepea

Evolução das exportações de milho do Brasil, MM t



Fonte: Secex



Menor oferta dos EUA eleva atenção à safra sul-americana

Estoques globais mais apertados e perspectivas de crescimento da produção sul-americana mantêm o mercado atento ao clima. Com expansão de área no Brasil e na Argentina, o potencial de oferta pode aumentar, mas segue condicionado a condições climáticas favoráveis.

No relatório de setembro, o USDA reduziu a perspectiva de oferta nos EUA, com revisão da produção para baixo, refletindo ajustes de produtividade e área colhida, o que também resultou em uma queda dos estoques finais do país para um dos níveis mais apertados dos últimos anos. Em contrapartida, o órgão elevou a projeção de consumo no Brasil, especialmente pelo avanço da demanda industrial, enquanto manteve praticamente inalteradas as expectativas de importação da União Europeia. Com menor disponibilidade nos EUA e demanda global ainda resiliente, os estoques mundiais recuaram em relação ao relatório anterior, reforçando um cenário de balanço global mais ajustado para a safra 2026/27.

A Bolsa de Comércio de Rosário revisou para cima a estimativa de área de milho na Argentina para a safra 2026/27, de 10,4 para 10,6 MM ha, indicando uma redução menor do que a prevista anteriormente em relação ao ciclo passado. A melhora das perspectivas está relacionada à menor preocupação com a cigarrinha-do-milho e aos incentivos comerciais oferecidos pelas empresas de sementes. Com isso, a produção pode alcançar 67,5 MM t e, a depender das condições evidenciadas pelo *El Niño*, há potencial para atingir cerca de 70,5 MM t.

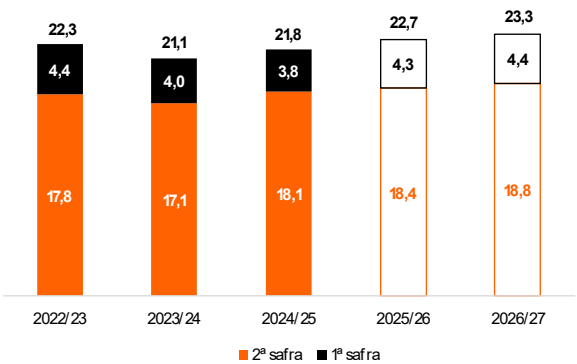
As primeiras indicações para a safra de verão 2026/27 apontam expansão da área de milho 1ª safra em importantes estados do Sul do Brasil, refletindo uma combinação de melhor perspectiva climática e demanda firme do mercado interno. No RS, a Emater estima aumento de 7,4% na área plantada, de 834 mil para 896 mil ha, movimento associado à maior segurança produtiva proporcionada pelas chuvas esperadas e à busca dos produtores por diversificação após anos de estiagem. Já no PR, o Deral projeta crescimento de 2,0%, de 365,7 mil para 373 mil ha, sustentado principalmente pela demanda da cadeia de proteínas animais.

Balanço global de O&D de milho

MM t	2023/24	2024/25	2025/26	2026/27	Var.
Estoque Inicial	304	314	296	301	2%
Produção	1.232	1.235	1.331	1.291	-3%
EUA	390	378	432	401	-7%
Brasil	119	136	141	139	-1%
Argentina	52	49	63	55	-13%
China	289	295	301	307	2%
UE	62	60	57	51	-11%
Ucrânia	33	27	31	32	3%
Outros	288	290	306	306	0%
Consumo	1.227	1.252	1.303	1.313	1%
Estoque Final	314	296	301	272	-10%
E/C	26%	24%	23%	21%	

Fonte: USDA

Brasil: área plantada de milho, MM ha



Fonte: Conab, Itaú BBA



Riscos produtivos sustentaram forte valorização do algodão em NY

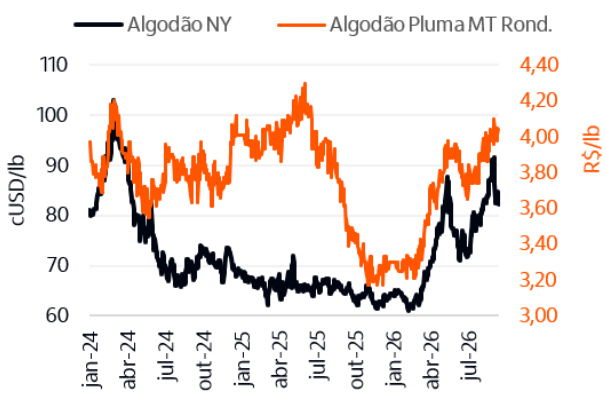
As cotações do algodão avançaram com força em agosto, sustentadas pela redução dos estoques globais, pelos riscos à produção nos principais países e pela expectativa de demanda mais firme. No Brasil, a alta externa e as exportações recordes compensaram a pressão da colheita.

No mercado internacional, a média do primeiro vencimento do algodão na NYBOT atingiu USDc 85/lb em agosto, alta de 9,7% frente a julho. A valorização refletiu a combinação entre perspectivas mais ajustadas para a oferta mundial, piora das condições das lavouras norte-americanas e expectativas de recuperação da demanda nos principais mercados consumidores. A valorização do petróleo e o avanço de outras commodities agrícolas também contribuíram para fortalecer as cotações, que alcançaram os maiores níveis dos últimos meses.

Nos EUA, o mercado acompanhou com maior atenção a deterioração das condições das lavouras, especialmente no Texas, principal estado produtor do país. O clima quente e seco em áreas das Planícies elevou as preocupações com a produtividade e com os índices de abandono, adicionando prêmio climático aos contratos negociados em Nova York. Ao mesmo tempo, riscos produtivos em outros importantes fornecedores reforçaram a percepção de um balanço mais apertado. Na China, as temperaturas elevadas em Xinjiang, principal região produtora, aumentaram as incertezas sobre o rendimento da cultura, enquanto a redução da área plantada ampliou a possibilidade de maior necessidade de importação. Na Índia, embora o avanço das monções tenha reduzido parte das preocupações com o déficit hídrico, os potenciais efeitos do *El Niño* permaneceram no radar.

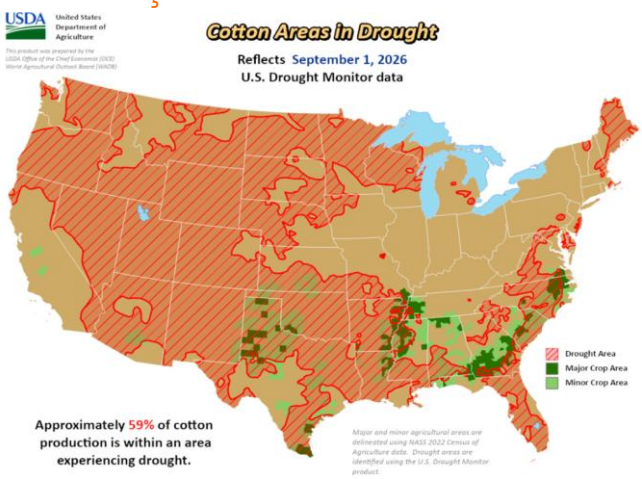
No Brasil, a média do algodão em Rondonópolis alcançou R$ 3,94/lb em agosto, avanço de 3,9% na comparação mensal. Os preços foram sustentados principalmente pela forte valorização da pluma em Nova York, pelo comportamento do câmbio e pela manutenção da demanda externa. A entrada da nova safra e o avanço do beneficiamento elevaram a disponibilidade do produto e limitaram uma alta doméstica tão intensa quanto a registrada no mercado internacional.

Preços do algodão em NY e em Rondonópolis



Fonte: NYBOT, Cepea

Áreas americanas de algodão sob condição de seca



Fonte: USDA



Clima e plantio da soja serão decisivos para expansão do algodão no Brasil

A redução da produção global e dos estoques reforça uma perspectiva mais construtiva para os preços do algodão. Para 2026/27, a expansão de área no Brasil segue provável, mas dependerá do ritmo do plantio da soja e das condições climáticas.

Na atualização de setembro, o USDA reforçou uma perspectiva mais apertada para o mercado global de algodão ao reduzir a estimativa de produção mundial para a safra 2026/27. O principal ajuste veio dos EUA, cuja safra foi revisada para baixo em função de produtividades menores, refletindo os desafios climáticos observados em importantes regiões produtoras. Ao mesmo tempo, o consumo global permaneceu em trajetória de crescimento, com destaque para a China, que manteve suas projeções de uso estáveis. Como resultado, os estoques finais mundiais voltaram a recuar e atingiram um dos menores níveis dos últimos anos, sinalizando um balanço mais ajustado e potencialmente mais favorável aos preços.

Na China, apesar de condições climáticas favoráveis durante a emergência e o desenvolvimento inicial das lavouras, episódios localizados de chuvas excessivas, granizo, ventos fortes e tempestades de poeira, além das altas temperaturas e da seca observadas em julho e agosto em áreas menos irrigadas, provocaram queda de botões florais e maçãs, reduzindo o potencial produtivo. Ainda assim, as condições gerais das lavouras permanecem acima da média histórica, embora inferiores às registradas em 2025. Nesse sentido, a safra chinesa é projetada atualmente em 7,3 MM t (versus 7,8 MM t em 2025/26), com expectativa de leve redução da área plantada e menor produtividade média em relação à safra anterior.

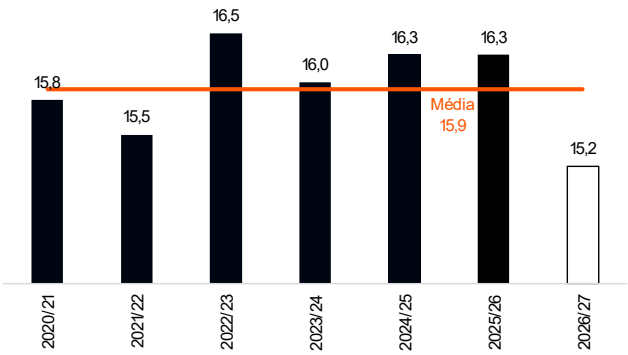
Com o avanço do beneficiamento do algodão, os produtores começam a definir as sementes que serão utilizadas na safra 2026/27. Os preços mais atrativos da pluma sustentam expectativas de expansão da área cultivada na próxima temporada. No entanto, a decisão final ainda dependerá do andamento do plantio da soja, já que a janela de semeadura da oleaginosa será determinante para avaliar o potencial de ocupação de área pelo algodão de segunda safra.

Balanço global de O&D de algodão

MM t	2023/24	2024/25	2025/26	2026/27	Var.
Estoque Inicial	16,5	16,0	16,3	16,4	1%
Produção	24,5	26,0	26,5	25,5	-4%
EUA	2,6	3,1	3,0	2,9	-5%
Brasil	3,2	3,7	4,1	4,0	-1%
China	6,0	7,0	7,8	7,3	-6%
Índia	5,5	5,2	5,2	5,2	1%
Paquistão	1,5	1,1	1,2	1,1	-6%
Outros	5,7	5,9	5,3	5,0	-5%
Consumo	25,0	25,9	26,4	26,8	1%
Estoque Final	16,0	16,3	16,4	15,2	-7%
E/C	64%	63%	62%	57%	

Fonte: USDA

Evolução dos estoques globais de algodão, MM t



Fonte: USDA



Mercado do arroz ganhou firmeza entre agosto e setembro

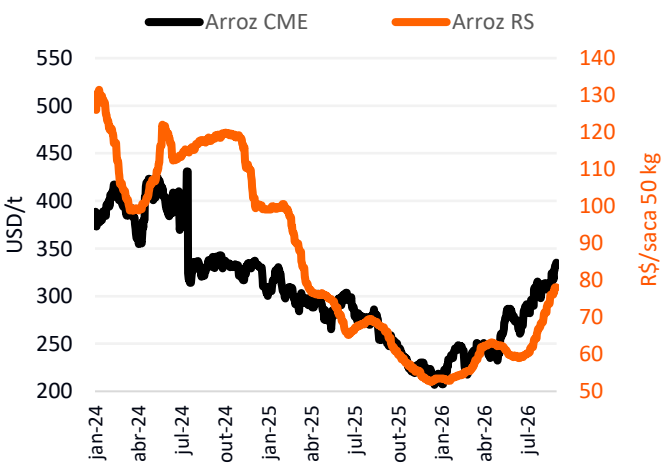
Os preços do arroz avançaram nos últimos 30 dias, sustentados pela menor disponibilidade no mercado spot, pela retenção dos produtores e pela maior disputa das indústrias, enquanto as exportações cresceram e reforçaram o movimento de recuperação.

Os preços do arroz registraram uma recuperação expressiva nos últimos 30 dias. O cereal passou de R$ 71,26/sc em 10/08 para R$ 79,12/sc em 09/09, acumulando alta de 11% no período. O movimento foi sustentado pela combinação entre menor disponibilidade efetiva no mercado e maior disputa da indústria pelos volumes remanescentes da safra. Embora a produção atual ainda assegure uma oferta física relativamente confortável, muitos produtores mantiveram ritmo lento de comercialização, diante da expectativa de continuidade da recuperação dos preços após um longo período de margens pressionadas. Com menos produto disponível no mercado spot, as indústrias intensificaram a busca por matéria prima para recompor estoques, ampliando a concorrência pelos lotes ofertados e impulsionando as cotações.

Além dos fundamentos do mercado disponível, as expectativas em relação à próxima safra também passaram a influenciar a formação dos preços. Os resultados econômicos pouco atrativos observados nos últimos ciclos reforçaram as indicações de redução da área plantada em 2026/27. Ao mesmo tempo, os riscos climáticos associados ao El Niño, especialmente no Rio Grande do Sul, elevaram a atenção dos agentes em relação ao plantio e ao desenvolvimento das lavouras.

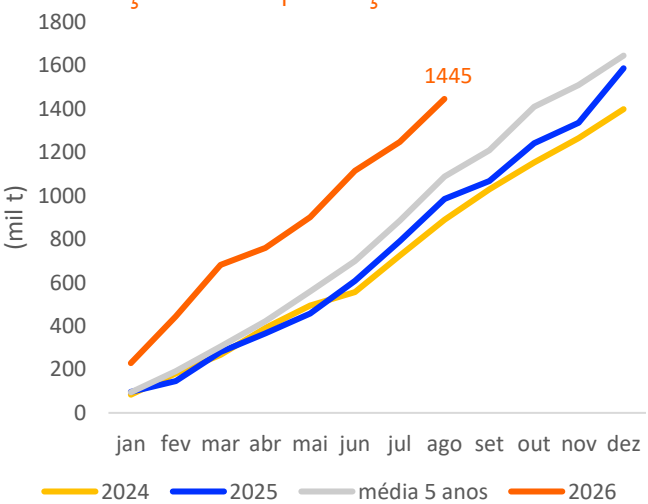
No comércio exterior, as exportações brasileiras de arroz em agosto totalizaram 198 mil t, avanço de 49% frente a julho, enquanto as importações alcançaram 125 mil t. O saldo comercial positivo contribuiu para a retirada de parte da oferta do mercado doméstico. Ao mesmo tempo, a comercialização mais restrita por parte dos produtores e a necessidade de reposição de estoques pela indústria mantiveram o mercado firme e favoreceram a valorização do arroz ao longo do período.

Preços de arroz em casca no Brasil e EUA



Fonte: Cepea, CME

Evolução das exportações brasileiras



Fonte: Secex



Fundamentos globais sustentam viés mais construtivo

O mercado global de arroz inicia a safra 2026/27 com perspectiva mais firme, apoiada por menor produção mundial, queda da oferta nos EUA e riscos climáticos na Ásia. Ainda assim, os elevados estoques e exportações da Índia limitam movimentos mais intensos de alta.

O mercado internacional de arroz apresenta um viés mais construtivo para os preços ao longo da safra 2026/27. Após a safra recorde de 2025/26, a produção global deve recuar cerca de 2%, enquanto o consumo volta a superar a oferta, iniciando um processo de redução dos estoques mundiais. Embora os estoques globais permaneçam elevados, a expectativa de menor disponibilidade contribui para uma percepção de mercado mais firme em relação às últimas 2 safras.

Entre os fatores de sustentação, destaca se a redução da produção nos Estados Unidos, resultado da expressiva queda de área plantada observada neste ciclo. A menor oferta norte americana tende a reduzir a concorrência nas exportações do Hemisfério Ocidental e manter os preços internacionais em patamares mais elevados. Além disso, cresce a atenção em torno dos potenciais impactos do El Niño sobre importantes regiões produtoras da Ásia. Outro ponto acompanhado pelo mercado é a ampliação do uso de arroz para produção de etanol na Índia, contribuindo para reduzir parte dos elevados estoques públicos e adicionando demanda ao setor.

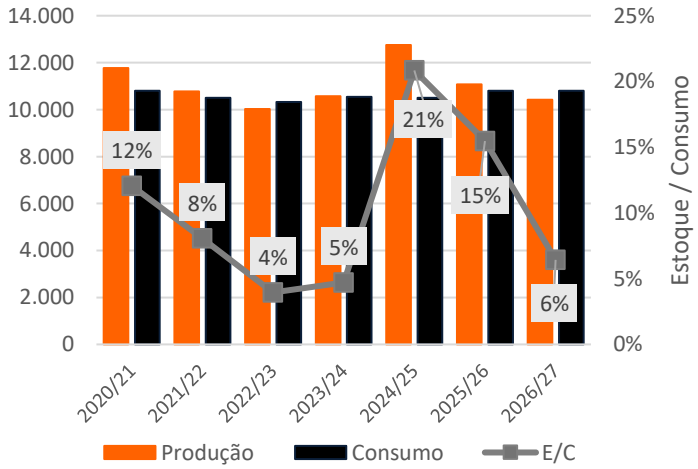
Os fundamentos globais ainda não configuram escassez, a Índia segue como moderadora para movimentos mais intensos de alta, já que o país mantém bons níveis de estoques e continua liderando as exportações. No entanto, diferentemente do observado nas últimas duas safras, o mercado passa a conviver com uma expectativa de menor oferta global, redução dos estoques mundiais e maior sensibilidade aos riscos climáticos. No Brasil, com o plantio da safra ainda em seus estágios iniciais, projetamos redução de área e produtividade. Como resultado, a produção brasileira deve recuar, contribuindo para um balanço doméstico mais apertado, reduzindo relação estoque/uso e reforçando a perspectiva mais construtiva para os preços em 2026/27.

Balanço global de oferta e demanda

MM t	2023/24	2024/25	2025/26	2026/27	Var.
Estoque Inicial	181	180	191	203	6%
Produção	524	542	546	534	-2%
China	145	145	146	147	0%
Índia	138	150	154	147	-5%
Bangladesh	37	37	38	37	-2%
Indonésia	33	34	34	34	-1%
Vietnã	27	27	26	26	0%
Tailândia	20	21	21	20	-2%
Burma	12	12	12	11	-8%
Filipinas	12	12	12	12	0%
Japão	7	7	7	7	-1%
Brasil	7	9	8	7	-3%
Outros	85	88	88	85	-3%
Consumo	522	527	531	537	1%
Estoque Final	180	191	203	197	-3%
E/C	34%	36%	38%	37%	

Fonte: USDA

Produção x consumo e relação Estoque/Consumo - BR (mil t)



Fonte: Conab e Itaú BBA (2026/27)



Riscos no Mar Negro impulsionaram os preços entre agosto e setembro

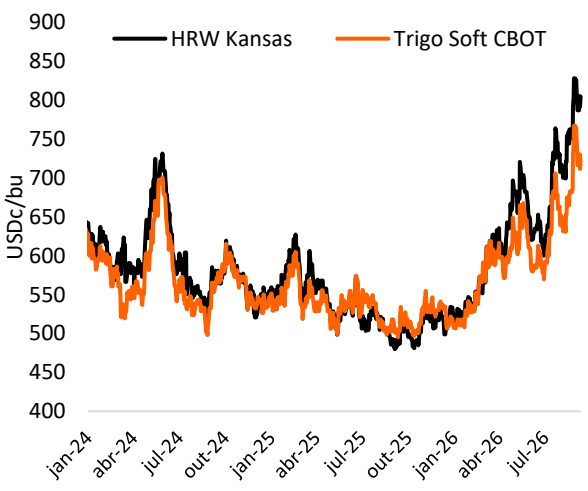
Os preços do trigo avançaram entre agosto e setembro, sustentados pelas incertezas geopolíticas no Mar Negro e pela desaceleração das exportações russas. No Brasil, preocupações com a qualidade da safra no Sul contribuíram para manter as cotações firmes.

O movimento de alta dos preços do trigo continuou entre agosto e setembro, sendo impulsionados pelas questões geopolíticas envolvendo a escalada da guerra entre Rússia e Ucrânia. O risco de logística para comercialização do trigo russo elevou o prêmio e os preços internacionais acumularam alta expressiva de 13% entre 10/08 a 10/09, fechando a USD 7,23/bu. No início de setembro, rumores de um possível acordo de paz entre os dois países voltaram a pressionar as cotações do cereal, mas mantiveram os níveis de preços em patamares elevados.

Como resultado das dificuldades logísticas, as exportações russas já mostraram sinais de enfraquecimento. Em agosto, os embarques de trigo da Rússia somaram apenas 1,3 MM t, registrando forte queda em relação ao mesmo período do ano anterior e evidenciando os impactos das restrições logísticas e dos ataques sobre o corredor Azov-Mar Negro. O mercado segue monitorando se essas dificuldades serão temporárias ou se poderão comprometer de forma mais duradoura a presença russa no comércio internacional.

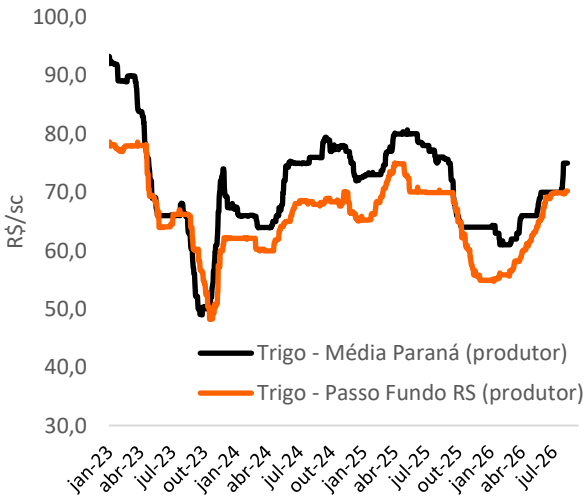
O cenário externo tem contribuído para a sustentação dos preços no Brasil mesmo com o avanço da safra nacional. Além disso, as preocupações com perdas de qualidade no Sul do país, especialmente no Paraná, devido ao excesso de chuvas durante a fase de colheita, têm limitado a pressão sazonal de oferta típica deste período. O trigo no Paraná foi comercializado a R$ 77,96/sc, alta de 4% nos últimos 30 dias. Dessa forma, a combinação entre um ambiente internacional mais firme e as incertezas sobre a qualidade da safra brasileira tem mantido os preços domésticos em patamares elevados.

Preços de trigo no mercado internacional



Fonte: Cepea, ICE

Preços do trigo ao produtor



Fonte: Cepea



Geopolítica e qualidade sustentam perspectivas de mercado

A perspectiva para o trigo segue construtiva, sustentada pelas incertezas logísticas no Mar Negro, pela menor oferta de trigo de qualidade nos Estados Unidos e pelos riscos climáticos para a qualidade das safras do Sul da América do Sul.

A perspectiva para o trigo permanece construtiva para os preços, com o principal vetor de sustentação vindo das incertezas geopolíticas no Mar Negro e dos riscos associados ao escoamento da oferta russa para o mercado internacional. Enquanto persistirem as incertezas logísticas, o prêmio de risco tende a permanecer incorporado às cotações internacionais. Nos Estados Unidos, a menor disponibilidade de trigo duro de inverno (HRW) deve continuar oferecendo suporte ao segmento de trigo de qualidade destinada à panificação. Como os estoques exportáveis americanos estão mais apertados, qualquer problema em outras origens pode ampliar a demanda pelo trigo norte-americano.

Na América do Sul, o foco permanece sobre a qualidade da safra argentina. Apesar do bom desenvolvimento das lavouras e da perspectiva de uma colheita próxima de 21 MM t, com cerca de 96% da área em condição normal a excelente, o mercado segue monitorando os níveis de proteína e a pressão de doenças. Como a Argentina é o principal fornecedor do Brasil, a capacidade da nova safra de atender às exigências da indústria moageira brasileira permanece no centro das atenções.

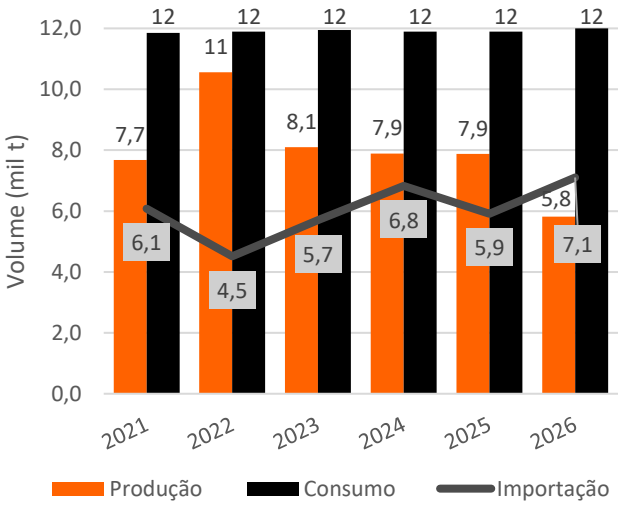
No Brasil, o comportamento do clima será decisivo durante setembro e outubro. As previsões associadas ao El Niño indicam continuidade de um ambiente mais úmido no Sul, o que, ao mesmo tempo que reduz os riscos de estresse hídrico, aumenta a pressão de doenças fúngicas e problemas de qualidade, especialmente no Rio Grande do Sul, onde boa parte das lavouras ainda está em enchimento de grãos e floração. Assim, as perspectivas se inclinam à um cenário mais altista, pois, mesmo que a oferta mundial não seja apertada, a combinação entre menor disponibilidade de trigo de qualidade nos EUA, incertezas logísticas no Mar Negro e riscos climáticos para a qualidade da safra sul-americana tende a sustentar as cotações internacionais.

Balanço global de O&D de trigo

	2023/24	2024/25	2025/26	2026/27	Var.
Estoque Inicial	274	270	261	281	8%
Produção	790	791	844	822	-3%
EUA	49	54	54	42	-23%
UE	135	121	145	134	-8%
China	137	140	140	141	1%
Índia	111	113	118	121	3%
Rússia	92	82	90	88	-3%
Austrália	26	34	36	31	-14%
Canadá	33	36	41	36	-11%
Ucrânia	23	23	24	26	8%
Argentina	16	19	28	22	-23%
Brasil	8	8	8	6	-24%
Outros	161	161	160	176	10%
Consumo	781	799	818	822	1%
Estoque Final	274	267	281	276	-2%
E/C	35%	33%	34%	34%	

Fonte: USDA

Produção x consumo e importações - BR



Fonte: Conab



Boi reagiu mesmo com China fora do mercado

Agosto marcou a recuperação do boi gordo, sustentada pela menor oferta e queda dos abates. Mesmo com o forte recuo das compras chinesas e das exportações totais, outros mercados ajudaram a limitar os impactos sobre o setor.

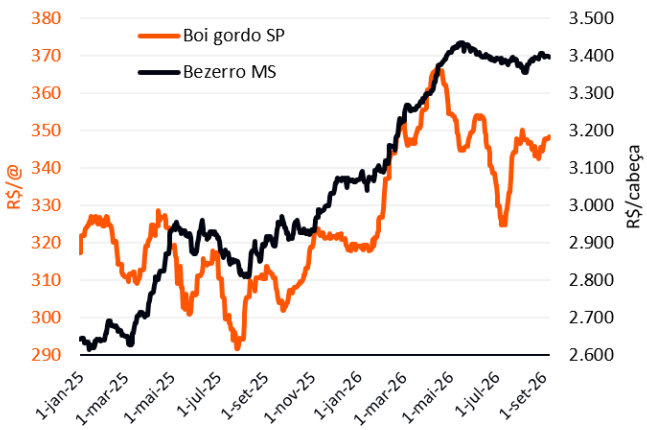
Os preços do boi gordo se recuperaram em agosto, com a média mensal em São Paulo retornando para R$ 345,9/@, avanço de 3,3% em relação a jul/26 e recompondo as perdas observadas no mês anterior, quando o mercado sofreu forte pressão durante a primeira quinzena. Com a redução da oferta, o mercado físico voltou a encontrar equilíbrio, mesmo diante do enfraquecimento das exportações para a China.

Estimamos que os abates sob inspeção federal tenham recuado cerca de 20% em comparação com jul/26, enquanto agosto também indicou um cenário de oferta restrita. Pelo lado da demanda, as exportações totalizaram 196 mil t, queda de 27% frente a ago/25. O resultado foi fortemente impactado pelos embarques para a China, que somaram apenas 16 mil t no mês, volume 90% inferior ao registrado no mesmo período do ano passado.

Além dos volumes mais modestos, o preço médio da carne exportada recuou 2,9% em relação a jul/26, registrando a segunda queda mensal consecutiva, embora ainda permaneça 10% acima do patamar observado há um ano. Vale destacar que, apesar do mercado chinês praticamente fechado, outros destinos têm ajudado a mitigar parte desse impacto, com destaque para Estados Unidos, Chile, Rússia, Egito e Arábia Saudita.

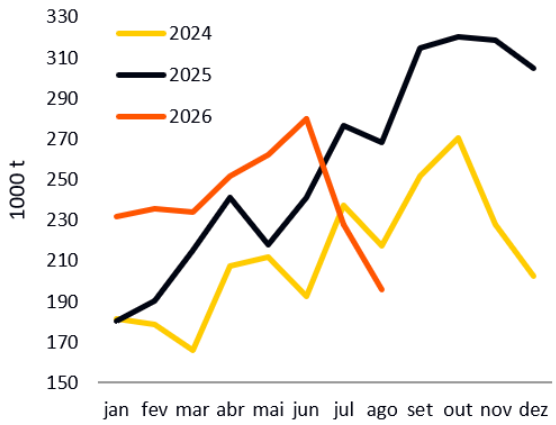
No mercado interno, os preços da carcaça casada também subiram (1,7%) embora a variação inferior à do boi gordo tenha pressionado o spread da indústria no MI, que veio de 7,1% em julho para 5,5% em agosto, em linha com os últimos dois anos. Já a reposição andou de lado, com o bezerro no MS cotado a R$ 3.380/cab na média de agosto. Ainda assim, a alta frente a ago/25 foi de 18,5% contra 12,7% de alta do boi gordo SP.

Preços do boi gordo SP e bezerro MS



Fonte: Cepea

Exportações de carne bovina *in natura*



Fonte: Secex



Perspectiva construtiva eleva contratos para o fim do ano

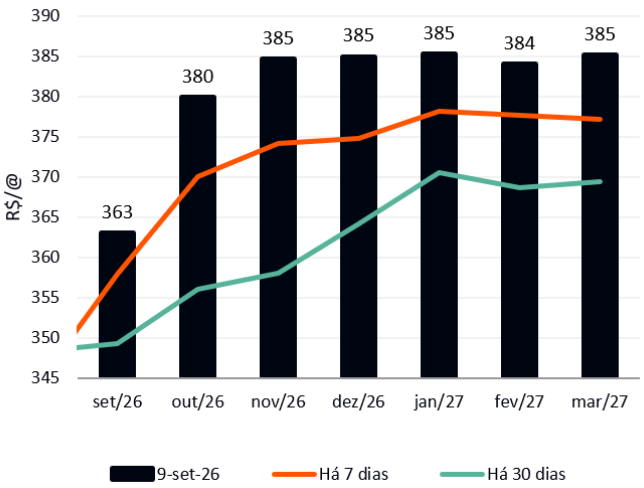
Com boi firme, contratos futuros nas máximas do ano e melhora das perspectivas para os EUA, Indonésia e o retorno da China, o mercado ganhou sustentação para os próximos meses. Para o fechamento de 2026 e 2027, o USDA projeta retração da oferta brasileira.

Com a redução dos abates, a sustentação dos preços do boi gordo no mercado físico, próximos de R$ 350/@ em 9 de setembro, e a firmeza das cotações da carne bovina, o mercado futuro reagiu de forma expressiva. Também contribuiu a expectativa de retomada das negociações de animais destinados à exportação para a China entre outubro e novembro, com foco no preenchimento da cota de 2026. Os contratos com vencimento em novembro e dezembro atingiram as máximas do ano, próximos de R$ 385/@ em 9/set, quase R$ 30/@ acima dos níveis observados há um mês.

Além desses fatores, em relação aos Estados Unidos, a perspectiva para os próximos meses tornou-se ainda mais favorável após a suspensão, por 90 dias, da tarifa extra cota de 26,4% sobre as importações dos países que não possuem acordo comercial com os EUA, conforme anunciado pelo presidente Donald Trump. A medida tende a beneficiar os embarques brasileiros a partir de setembro, mitigando a redução das compras chinesas no período. Além disso, a Indonésia aumentou a lista de plantas frigoríficas habilitadas de 52 para 73 estabelecimentos, notícia também positiva, apesar dos volumes menores enviados para este país frente aos EUA. No acumulado até agosto, o Brasil enviou 23 mil t para Indonésia, 51% acima do igual período do ano anterior e 241 mil t aos EUA, 37% acima no mesmo comparativo.

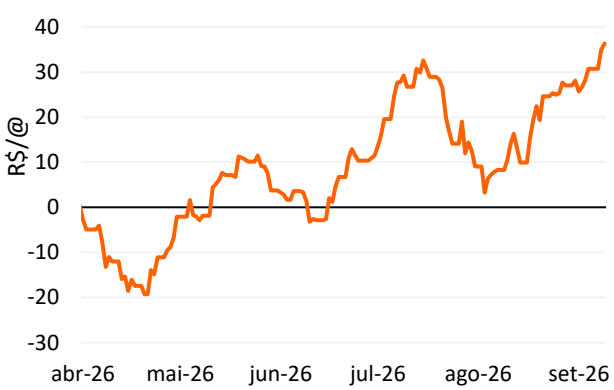
O escritório do USDA no Brasil atualizou as projeções do balanço interno de oferta e demanda de carne bovina em 2026 e suas primeiras estimativas para 2027. Para este ano, a projeção é de redução de 3,2% na produção de carne, para 12,2 MM de t e queda de 5,3% nas exportações (4,15 MM t), enquanto para 2027 o escritório prevê reduções de 1,6% na produção e 1,2% nas exportações.

Curva futura do boi gordo



Fonte: B3

Diferença contrato Nov/26 para o físico



Fonte: B3



Mercado doméstico pressionado, exportações sustentadas no mês

Ao longo de agosto, a elevada disponibilidade de carne de frango no mercado interno limitou a recuperação dos preços, apesar da competitividade frente à carne bovina. No mercado externo, exportações robustas e preços firmes garantiram um spread historicamente atrativo.

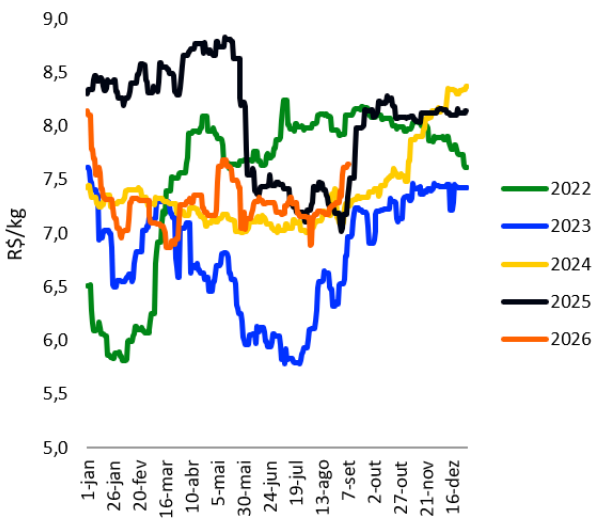
Agosto foi mais um mês de preços de lado para a carne de frango no atacado. A ave inteira congelada em SP ficou na média de R$ 7,19/kg, 0,3% inferior a jul/26 e 1,2% abaixo de ago/25. Seguindo o observado há alguns meses, a ampla oferta no mercado interno – só não maior que a de 2025 em função da redução das exportações após o caso de gripe aviária – tem restringido a reação dos preços da ave, apesar do preço bastante competitivo relativamente ao dianteiro bovino. O aumento da produção de carne de frango no primeiro semestre foi de 6,1% em relação ao ano anterior, com as carcaças mais pesadas amplificando a expansão dos abates.

Os números preliminares dos abates de julho apontaram expansão de 4,4% sobre jul/25, o que apesar das boas exportações neste ano significa uma oferta interna de carne quase 9% maior frente a ago/25.

No mercado internacional, as exportações somaram 480 mil t em agosto, volume 5,1% inferior ao de julho, mas 25,6% superior ao registrado em ago/25, período ainda impactado pelas restrições impostas por diversos importadores após os casos de gripe aviária no Brasil. Com isso, no acumulado do ano até agosto, os embarques apresentam crescimento de 17,1%.

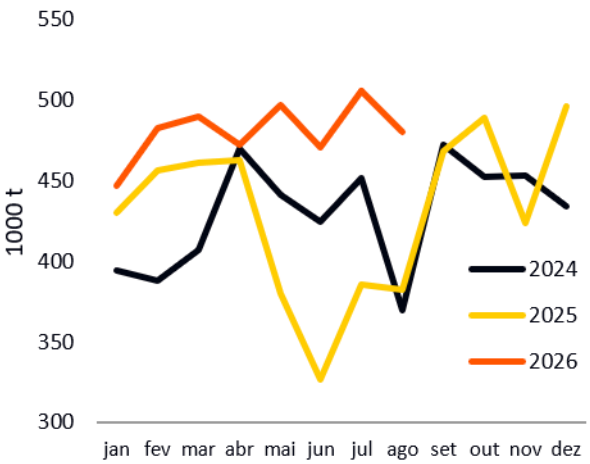
Os preços de exportação permanecem sustentados, com alta de 12,2% em relação a agosto do ano passado. Como resultado, o spread das exportações segue em patamar favorável, ao redor de 46%, nível 3 pontos percentuais acima da média dos últimos cinco anos, refletindo tanto os preços externos firmes quanto o ambiente de custos ainda controlados.

Preços do frango inteiro congelado - SP



Fonte: Cepea

Exportações de carne de frango *in natura* e industrializada



Fonte: Secex



Setor segue apoiado por custos controlados e exportações

Apesar da pressão sobre as margens domésticas, a expectativa segue positiva para o setor. Exportações devem continuar crescendo em 2026, enquanto custos permanecem controlados, embora o avanço do El Niño reforce a necessidade de gestão de risco nos grãos.

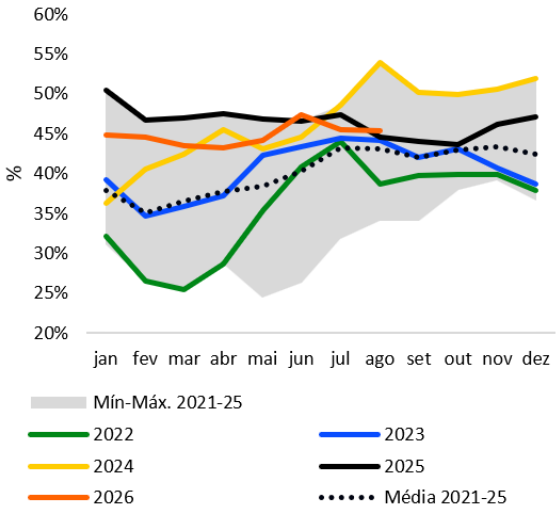
No mercado doméstico, porém, a maior disponibilidade de produto continuou pressionando a rentabilidade da cadeia. O spread entre o preço da ave abatida no atacado e o custo de produção da avicultura recuou para 32% em agosto, refletindo a acomodação das cotações internas. Há um ano, esse indicador estava em 36%, evidenciando uma compressão gradual das margens no mercado doméstico ao longo dos últimos meses.

Apesar da relativa estabilidade dos preços ao longo dos últimos meses, setembro começou com recuperação das cotações, que avançaram cerca de 4% na primeira semana do mês, movimento semelhante ao ocorrido em 2025. Ainda assim, como temos destacado, embora a competitividade da carne de frango em relação à bovina e a proximidade do período de maior consumo de final de ano favoreçam uma trajetória de alta, uma valorização mais consistente dependeria de uma moderação da oferta doméstica ou de um crescimento ainda mais robusto das exportações.

Mesmo com a provável redução dos embarques para a União Europeia nos próximos meses, entendemos que o setor tem condições de redirecionar parte desse volume para outros mercados. Dessa forma, a perspectiva de forte expansão das exportações brasileiras de carne de frango em 2026 permanece preservada.

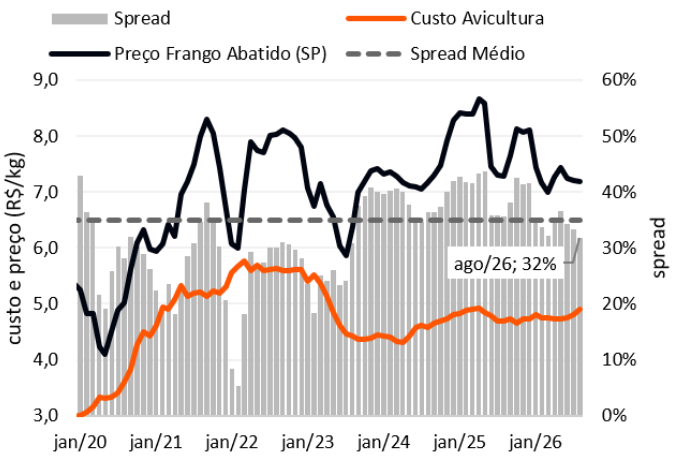
Pelo lado dos custos de produção, a ampla disponibilidade interna de milho e farelo de soja segue proporcionando um ambiente confortável no curto prazo. No entanto, os riscos para a safra de verão e para a safrinha de 2027 aumentaram com a consolidação do El Niño, o que reforça a importância da adoção de estratégias de gestão de risco para proteção contra possíveis altas nos preços dos grãos.

Spread das exportações



Fonte: Secex, Itaú BBA

Custo, preço e spread do frango abatido



Fonte: Embrapa, Deral, Itaú BBA



Suinocultura aprofundou perdas com avanço da oferta doméstica

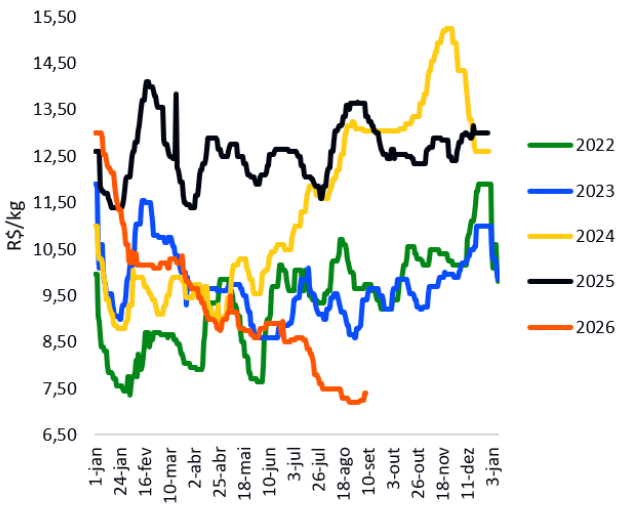
Ao longo de agosto, o mercado suíno enfrentou pressão crescente sobre preços e rentabilidade. A expansão da produção, combinada ao crescimento mais moderado das exportações, elevou a disponibilidade doméstica e aprofundou as perdas dos produtores.

O mercado de suínos continuou desequilibrado em agosto, com a pressão sobre as cotações da carne e do animal se intensificando ao longo do mês. A meia carcaça no atacado paulista recuou 10,6% frente a jul/26, para uma média de R$ 7,27/kg, patamar 43% inferior ao registrado há um ano. No mercado do suíno vivo, o preço ao produtor caiu para R$ 4,78/kg na média de agosto, considerando a ponderação entre a Região Sul e Minas Gerais. Diante de um custo de terminação estimado em torno de R$ 6,30/kg, o prejuízo da atividade se ampliou para cerca de R$ 180 por cabeça. Com isso, o spread da suinocultura atingiu -32%, ante -19% em jul/26 e +27% em ago/25.

Pelo lado da oferta, os dados consolidados do segundo trimestre apontaram expansão de 3,2% dos abates em relação ao 2T25. A produção de carne, porém, avançou em ritmo ainda mais forte, com alta de 4,8%, refletindo o aumento do peso médio das carcaças. O movimento contrasta com o observado no primeiro semestre, quando carcaças mais leves atenuaram o impacto do crescimento dos abates sobre a produção total. Além disso, o primeiro trimestre foi marcado por um desempenho mais robusto das exportações, contribuindo para reduzir os excedentes domésticos e resultando em uma queda de 0,9% do consumo aparente na comparação anual.

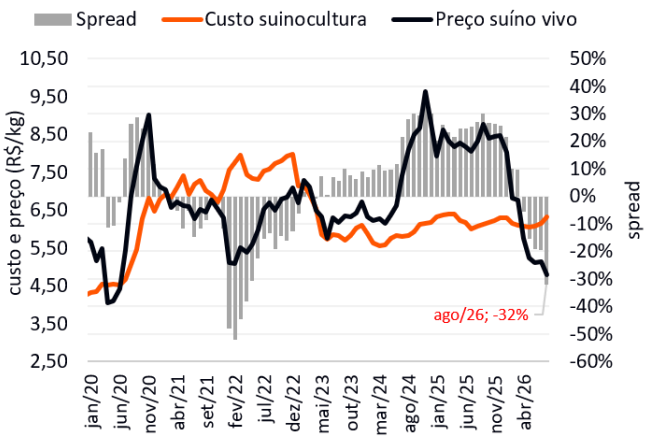
No segundo trimestre, entretanto, a combinação de abates crescentes, carcaças mais pesadas e exportações avançando em ritmo mais moderado elevou a disponibilidade interna de carne suína em 5,4% frente ao mesmo período do ano anterior. Os dados preliminares de julho reforçam essa tendência, indicando abates acima dos níveis de 2025, exportações relativamente estáveis e, consequentemente, maior oferta destinada ao mercado doméstico.

Preços da ½ carcaça no atacado - SP



Fonte: Cepea

Custo, preço e spread da suinocultura



Fonte: Embrapa, Cepea, Itaú BBA



Mercado busca equilíbrio em meio à expansão produtiva

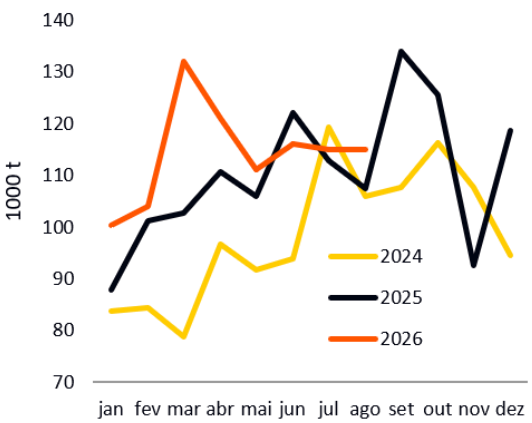
Apesar do suporte esperado da demanda doméstica no final do ano, o excesso de oferta deve limitar uma reação mais forte dos preços. No médio prazo, o aumento da capacidade produtiva reforça a dependência de mercados externos mais aquecidos.

Em agosto, as exportações permaneceram praticamente estáveis em relação aos dois meses anteriores, totalizando 115 mil t in natura, volume ainda 6,9% superior ao de ago/25. No acumulado do ano até agosto, os embarques registraram crescimento de 7,5%, um resultado positivo sob a ótica da demanda externa. Ainda assim, esse avanço não tem sido suficiente para absorver o aumento da oferta doméstica e restabelecer o equilíbrio do mercado interno, mantendo pressão significativa sobre os preços da carne e do suíno vivo.

Olhando para frente, um ajuste na produção contribuiria para reduzir os excedentes e favorecer a recuperação das margens da atividade, embora ainda não haja sinais claros de que esse movimento esteja em curso. Em uma perspectiva mais estrutural, o desafio tende a se tornar ainda maior diante dos investimentos previstos para ampliação da capacidade produtiva nos próximos anos, o que exigirá um crescimento adicional e sustentado da demanda, especialmente no mercado externo.

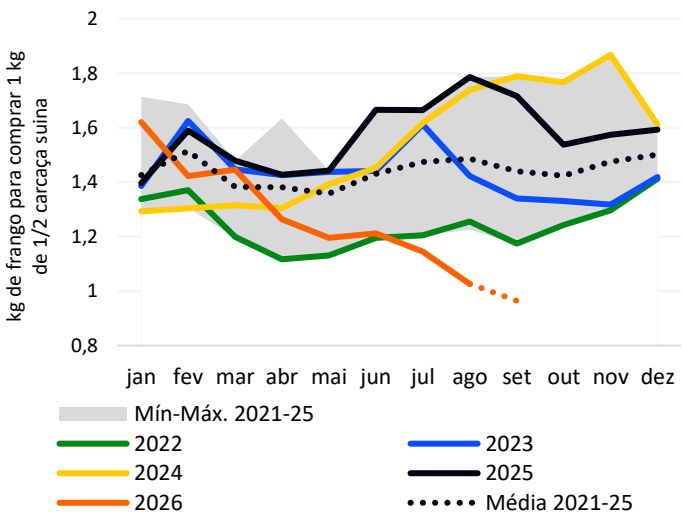
No curto prazo, os elevados preços relativos da carne bovina e, em menor medida, da carne de frango frente à carne suína, combinados com a sazonalidade mais favorável do consumo doméstico no final do ano, podem oferecer algum suporte às cotações. Ainda assim, considerando o baixo nível atual dos preços e a continuidade da expansão da oferta, a expectativa é de uma recuperação apenas gradual, sem uma correção mais expressiva dos desequilíbrios do mercado. Corroborando esse cenário, o escritório do USDA no Brasil projeta que a produção brasileira cresça 8,4% em 2026 e mais 1,9% em 2027, alcançando 5,25 MM de t no próximo ano. Para as exportações, a estimativa é de embarques de 1,8 MM de t em 2026, volume 5% superior ao de 2025, com avanço adicional de 2,8% em 2027.

Exportações de carne suína *in natura*



Fonte: Secex

Relação de preços suíno/frango



Fonte: Cepea, Itaú BBA



Entrada da safra ampliou oferta e pressionou preços

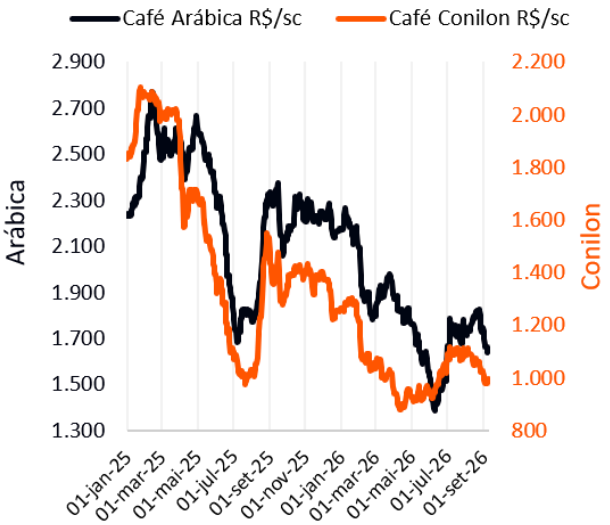
Após meses de forte valorização, o mercado de café entrou em um movimento de correção com a chegada da nova safra brasileira. O aumento da oferta física e do ritmo das exportações pressionou os preços, que ainda permanecem em níveis historicamente elevados.

Após a valorização observada desde junho, os preços do café voltaram a corrigir no início de setembro, interrompendo a trajetória de alta. O contrato dezembro/26 do café arábica em Nova York encerrou o dia 10/09 a USDc 288,15 por libra peso, acumulando queda de 8% nos últimos 30 dias. O café conilon em Londres também reduziu 7% para USD 3.524/t em 10/09 na mesma comparação. No mercado físico, a pressão também foi observada no Brasil, refletindo principalmente a ampliação da oferta disponível e a redução da percepção de risco de curto prazo em relação ao abastecimento global. Apesar da correção recente, as cotações seguem em patamares historicamente elevados e acima da média observada nos últimos anos.

O principal fator que explica o movimento foi o aumento da disponibilidade física associado à entrada da safra nova. Com a colheita praticamente finalizada, o crescimento da oferta de café novo no mercado físico contribuiu para aliviar o aperto. Ao mesmo tempo, o fluxo de exportações voltou a ganhar força, com agosto registrando o valor recorde para o período, segundo dados da Cecafé, contribuindo para a recomposição da disponibilidade e reduzindo parte das preocupações que sustentaram a valorização das cotações durante os meses anteriores.

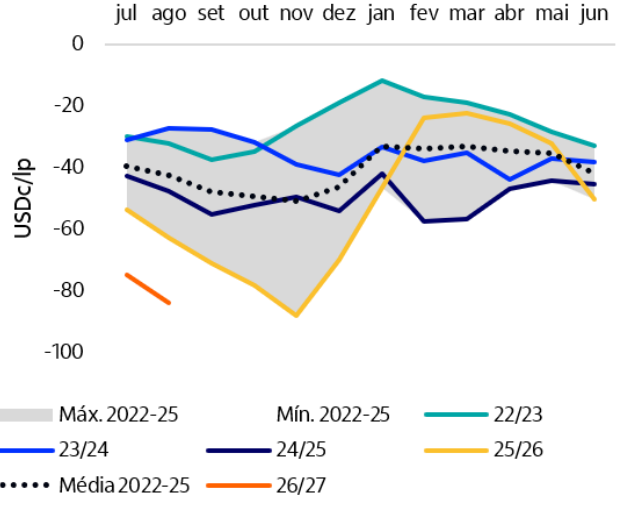
Outro destaque foi o comportamento dos diferenciais, que permaneceram abaixo da média histórica. Com a maior disponibilidade física na entrada da safra ao mercado, houve redução nos prêmios para originação. Além disso, os fundos reduziram parte das posições compradas acumuladas nos meses anteriores, movimento que contribuiu para ampliar a correção observada.

Preços de café arábica e robusta no Brasil



Fonte: Cepea

Diferencial arábica BR x NY



Fonte: ICE, Cepea



Regularidade das chuvas será determinante para a safra 2027/28

As atenções do mercado migram da safra recém colhida para a formação da safra 2027/28. Floradas beneficiadas pelas chuvas melhoram as perspectivas iniciais, mas o clima continuará determinante, em um ambiente de diferenciais pressionados e qualidade ainda monitorada.

Com a colheita praticamente encerrada, o mercado volta atenção para a safra 2027/28. As chuvas registradas ao longo de setembro favoreceram as primeiras floradas e melhoraram as condições de umidade nas principais regiões produtoras, reduzindo as preocupações imediatas com o desenvolvimento da próxima safra. No café conilon, as precipitações contribuíram para o pegamento das floradas e o desenvolvimento dos primeiros chumbinhos, enquanto nas regiões de arábica favoreceram a abertura das primeiras floradas.

Ainda assim, o mercado seguirá acompanhando a regularidade das chuvas, o pegamento dessas floradas e o comportamento das temperaturas ao longo da primavera, fatores importantes para a definição do potencial produtivo da próxima safra. Em um ciclo de bienalidade negativa para o arábica, a consolidação dessas floradas ganha ainda mais relevância para as expectativas de produção.

Outro ponto de atenção continua sendo a qualidade da safra recém-colhida. As chuvas durante parte da colheita levantaram preocupações em relação à qualidade dos grãos, especialmente no arábica. Com isso, os cafés de melhor qualidade seguem mais disputados e tendem a apresentar comercialização mais lenta, enquanto os lotes inferiores enfrentam maior pressão de venda, ampliando a diferenciação observada no mercado físico.

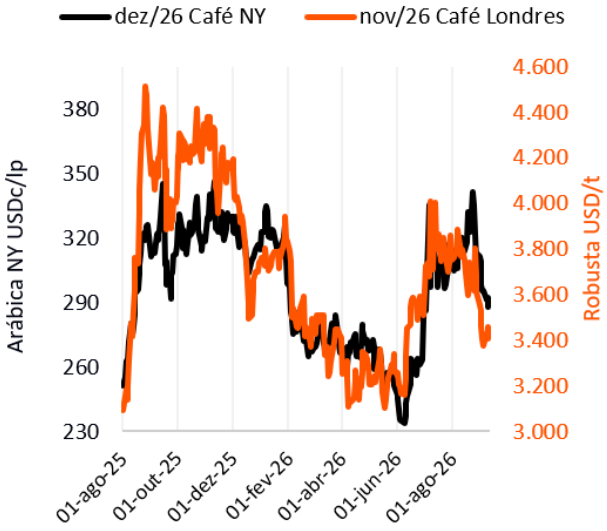
Apesar da recente correção, os preços permanecem em níveis historicamente elevados e ainda oferecem oportunidades atrativas para estratégias de comercialização. Com a entrada da safra reduzindo parte das preocupações imediatas, o clima durante o período de definição das floradas e do potencial produtivo para 2027/28 pode manter a volatilidade do mercado.

Curva futura do café arábica NY

MM scs	2023/24	2024/25	2025/26	2026/27	Var.
Estoque Inicial	27	23	22	24	**10,7%**
Produção	169	177	179	190	**6,1%**
Brasil	66,3	65,5	63,0	71,9	**14,1%**
Vietnã	27,6	29,0	31,7	32,5	**2,5%**
Colômbia	12,8	14,8	12,5	13,4	**7,2%**
Indonésia	8,2	10,7	12,4	11,4	**-8,0%**
Etiópia	9,1	11,5	11,6	12,1	**4,7%**
Outros	45,4	45,4	47,7	48,4	**1,4%**
Consumo	164	172	173	180	**3,6%**
Estoque Final	23	22	24	26	**7,8%**
E/C	14%	13%	14%	15%	
Prod.-Cons.	5,4	5,1	5,4	9,9	

Fonte: USDA

Preços arábica NY e robusta Londres



Fonte: ICE



Queda do FCOJ começa a aparecer no varejo americano

Os preços do suco de laranja seguiram em queda nas últimas semanas, movimento que começou a ser refletido também no varejo americano. Os valores da laranja destinada à indústria permaneceram estáveis, mas em patamar baixo. As exportações perderam força em agosto diante da menor demanda dos Estados Unidos.

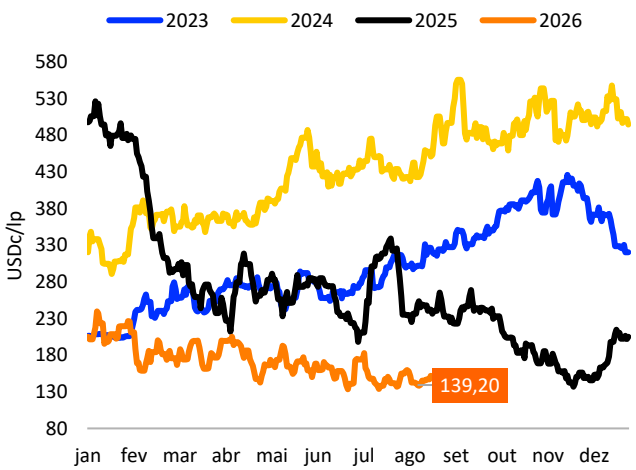
A acomodação dos preços do suco de laranja ganhou continuidade ao longo das últimas semanas. Na leitura de 07 de setembro, o contrato de referência do FCOJ em Nova York foi cotado a USDc 138,15/lb, ante USDc 142,55/lb trinta dias antes, queda de 3,1%. O movimento prolonga a correção observada desde os picos registrados nos últimos anos, em um ambiente marcado por expectativas mais favoráveis para a oferta de laranja na safra 2026/27.

Apesar do recuo no mercado internacional, o preço da laranja destinada à indústria em São Paulo permaneceu estável em R$ 30,40/cx de 40,8 kg, de acordo com o Cepea. No momento, a indústria tem priorizado a compra de laranjas de contratos já formados, com pouca atenção a frutas no mercado spot.

No varejo americano, os preços também parecem finalmente ter começado a refletir os preços mais baixos do suco no mercado internacional. Em julho, o suco de laranja concentrado foi comercializado a USD 4,82/ lata de 473 ml, registrando a terceira queda mensal consecutiva e acumulando retração de 3,0% desde maio. Ainda assim, o valor foi o mais elevado já registrado para um mês de julho e permaneceu 3,9% acima do observado um ano antes.

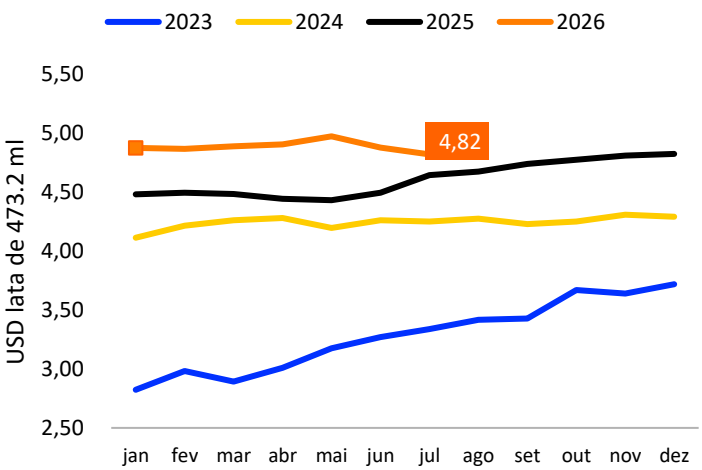
Pelo lado do comércio exterior, as exportações brasileiras de suco de laranja somaram 54,5 mil t em equivalente FCOJ em agosto, gerando receita de USD 123 MM. Em relação a julho, o volume embarcado recuou 26,9%, enquanto o preço médio caiu 12%, para USD 2.261/t, resultando em redução de 36% na receita. O movimento refletiu principalmente a menor demanda dos Estados Unidos, cujos embarques recuaram 41,2% no período.

Preço do suco de laranja em Nova York



Fonte: ICE

Preço do suco de laranja no varejo - EUA



Fonte: Economic Research Service - USDA



Safra 2026/27 de laranja é revisada para 263 MM de caixas

O maior peso dos frutos das variedades precoces e de meia-estação, favorecido pelas chuvas e pela permanência mais prolongada das frutas nas árvores, motivou a revisão para cima da safra, apesar da produção continuar abaixo da temporada passada.

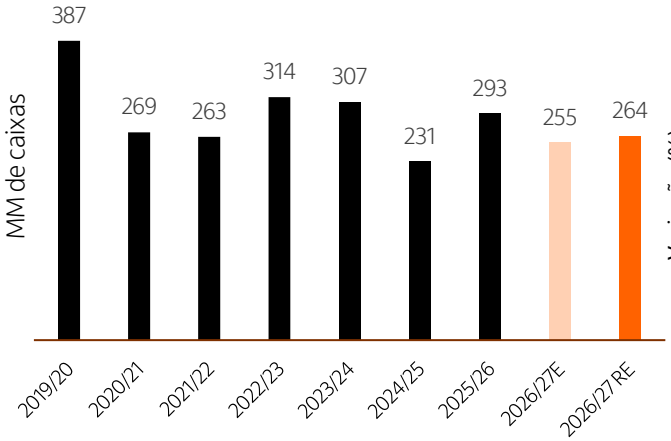
A primeira reestimativa do Fundecitrus para a safra de laranja 2026/27 do cinturão citrícola de São Paulo e Triângulo/Sudoeste Mineiro elevou a produção para 263,2 MM de cxs de 40,8 kg, acréscimo de 7,95 MM de cxs (3,1%) em relação à estimativa inicial. A revisão reflete a expectativa de maior peso dos frutos das variedades precoces e de meia-estação. Ainda assim, a safra permanece 9,9% abaixo da temporada 2025/26.

De forma semelhante à safra anterior, o ritmo de colheita segue mais lento que o habitual, com apenas 27% da produção colhida até meados de agosto. Além da elevada participação de frutos de segunda florada, a indústria tem priorizado o processamento de frutas provenientes de pomares próprios e de contratos já estabelecidos, reduzindo a necessidade de acelerar a colheita.

Outro fator que tem contribuído para o atraso da colheita é a busca por frutos mais maduros e com ratio mais equilibrado para o processamento industrial. A estratégia atende tanto à produção de suco concentrado quanto de NFC (não concentrado), segmento que tem apresentado maior resiliência de demanda.

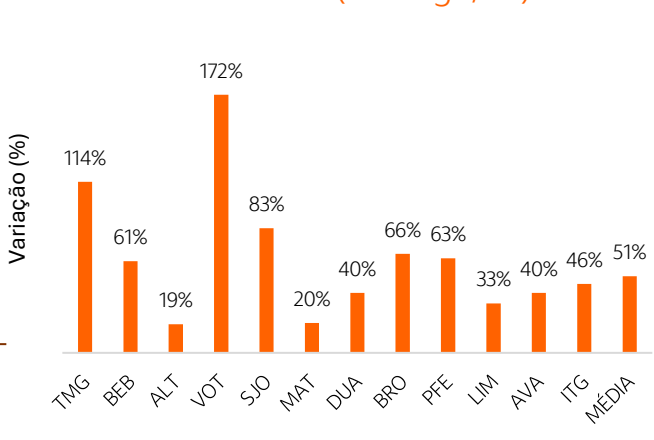
Com estoques ainda relativamente confortáveis, os frutos permaneceram por mais tempo nas árvores durante um período em que as chuvas ficaram, em média, 51% acima da normalidade no cinturão citrícola entre maio e agosto, fase crítica para o ganho de peso dos frutos. Esse cenário favoreceu principalmente as variedades precoces e de meia-estação. Como a colheita das variedades tardias ainda está em estágio inicial, parte do potencial produtivo da safra permanece por ser definida.

Estimativa da safra de laranja no cinturão citrícola



Fonte: Fundecitrus

Chuvas observadas em relação à média no cinturão citrícola (mai-ago/26)



Fonte: Fundecitrus e Climatempo Meteorologia



Alta do açúcar ganhou tração em meio aos riscos globais

Salto do petróleo, risco inflacionário global, intervenções do governo indiano e menor produção de açúcar no Centro-Sul do Brasil elevam as cotações para todos os vencimentos futuros. Fundos não ficam atrás e aumentam exponencialmente a posição comprada

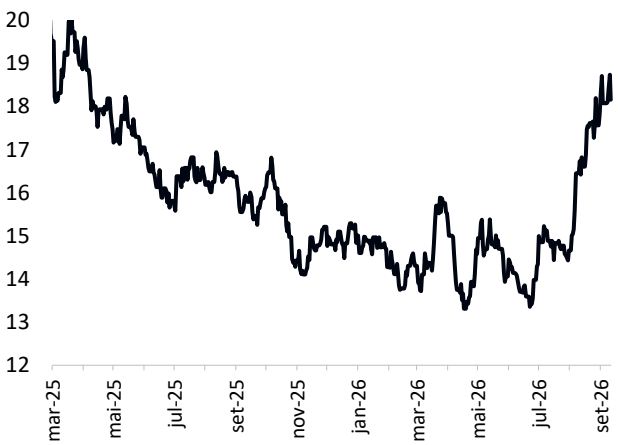
Dando continuidade ao movimento de alta iniciado em ago., o contrato nº 11 com vencimento em out. atingiu 17,7 cUSD/lb na média dos últimos 30 dias encerrados em 11/set. A valorização se estendeu a toda a curva futura, refletindo tanto os fundamentos do mercado de açúcar quanto fatores macroeconômicos e geopolíticos.

O petróleo Brent superou os USD 100/bbl nos últimos dias., diante da nova escalada do conflito no Oriente Médio e da percepção de que ele se prolongue. As tensões geopolíticas, incluindo a guerra entre Rússia e Ucrânia, e o El Nino ampliaram a preocupação inflacionária no mundo. A ela se soma a crise no mercado de dívida soberana dos Estados Unidos. A conjunção desses fatores favoreceu as cotações das commodities energéticas, agrícolas e softs.

Quanto aos fundamentos do mercado de açúcar, o destaque foi a Índia. Para conter a inflação doméstica da commodity, o governo adotou novas medidas: (i) após muitos rumores, em 20/ago autorizou a importação, livre de tarifas, de 1 MM t de açúcar bruto até 31/out/2026, prazo que foi prorrogado em 24/ago para até 2 meses após o registro de importação (bill entry) ; (ii) permitiu às refinarias redirecionar o açúcar originalmente destinado à exportação ao mercado interno - medida que deve contemplar cerca de 250 k t; (iii) reduziu o estoque máximo permitido em posse dos comerciantes até 30/nov. A ação do governo reduziu os preços internos, o que, por sua vez, tornou menos atrativa a exportação ao país, tanto que tradings estimam que entre 300 a 600 k t. serão de fato exportadas à Índia, aquém da 1 MM t. autorizada. No Brasil, dados oficiais apontam para uma produção acumulada de açúcar entre abr. até 16/ago, 2,7 MM t menor frente ao mesmo período de 2025. Set. e previsão de out. chuvosos no Centro-Sul também suportam os preços.

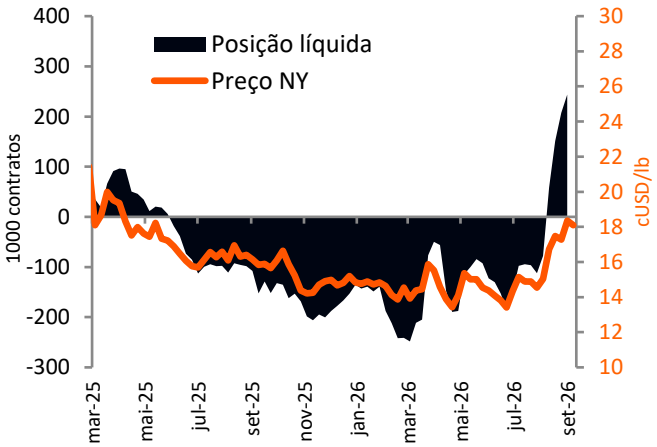
Neste cenário, os fundos reverteram sua posição: de uma exposição líquida vendida para comprada, alcançando 238.684 contratos em 01/set, cifras não vistas desde jan/2023.

Cotação diária do açúcar NY (cUSD/lb)



Fonte: ICE

Posição líquida dos fundos em açúcar



Fonte: ICE e CFTC



Safra 2026/27 CS revisada reforça desafios à oferta global de açúcar

Ritmo operacional das usinas inconstante e ATR ruim reduzem a produção estimada de açúcar no CS. O déficit global cresce, mas a evolução positiva sustentada das cotações segue condicionada ao fortalecimento da demanda física

Revisitamos a estimativa da safra 2026/27 na região Centro-Sul do Brasil, agora projetando 38,9 MM t de açúcar produzidas, queda de -400 k t frente à última previsão, datada de 3/jul. Este recuo resulta das menores moagem e qualidade da cana-de-açúcar previstas.

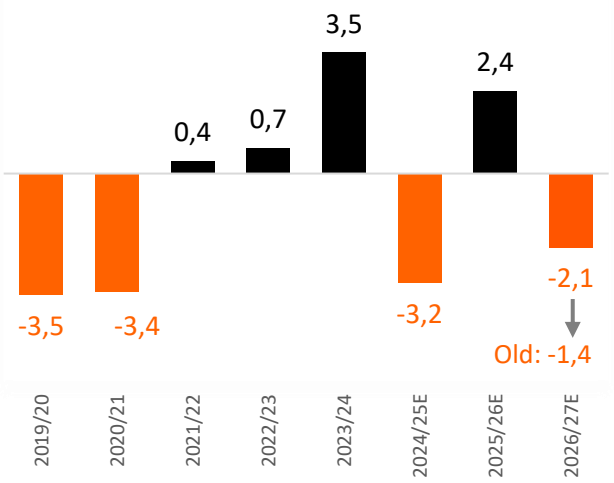
A queda na moagem reflete o excesso de chuvas registrado em junho e setembro, além da expectativa de um outubro igualmente úmido. Quanto à qualidade, os já baixos 138,3 kg ATR/t previstos em julho foram revisados para 136,4 kg ATR/t, devido não só ao clima chuvoso, mas também ao alto nível de impurezas, fruto do grande volume de cana em processamento e da priorização do ritmo de moagem pelas usinas. Ambos os fatores — menor moagem e ATR mais baixo — superam o efeito positivo do aumento projetado para o mix açucareiro, agora previsto em 46,8%.

Vale destacar que a baixa qualidade da cana é o principal limitante da produção de açúcar no ciclo 2026/27. Ainda há a possibilidade, embora menor do que a considerada em junho, de a moagem alcançar cifras próximas à estimativa anterior de 644,8 MM t, diante da pretensão das usinas em estenderem suas operações até dezembro e a depender do desempenho de março, mês que já registrou 19,4 MM t moídas (mar/2016).

A nova previsão para o Centro-Sul, somada a outros ajustes, elevou para -2,1 MM t o déficit projetado para o ciclo global 2026/27. Os outros ajustes tratam de quedas estimadas das produções na América Central, EUA e Austrália.

Todos elementos revisitados até aqui referem-se à limitantes da oferta; o consumo, porém, segue moderado, de tal sorte que o avanço sustentado para além das cotações correntes permanece dependente da reativação da demanda física, quando circunscrito à dinâmica do mercado de açúcar.

Superávit/déficit global de açúcar (MM t)



Fonte: ItaúBBA

Estimativa da safra 2026/27 do CS

	Old	Atual	Var.(%)
Moagem (MM t)	644,8	639,7	-0,8%
Kg ATR/ t. cana	138,3	136,4	-1,4%
ATR total (MM t)	89,2	87,3	-2,1%
Mix produção açúcar	46,2%	46,8%	+0,6 pp
Produção de açúcar (MM t)	39,3	38,9	-1,0%
Produção de etanol (B L)	38,5	37,7	-2,1%
Etanol de cana (B L)	28,2	27,3	-3,2%
Etanol de milho (B L)	10,3	10,4	1,0%

Fonte: ItaúBBA



Demanda, alta do açúcar e ajustes regulatórios redesenham as perspectivas para etanol

Preços firmes, demanda crescente e novo arcabouço legal reforçam a competividade do etanol. Mesmo com incertezas regulatórias e climáticas, a continuidade da expansão da demanda sinaliza melhora da remuneração aos produtores.

O preço do etanol hidratado nas usinas paulistas cresceu progressivamente, saltando de preocupantes 2,05 R$/L no início de agosto para 2,46 R$/L na semana encerrada em 11/setembro. Apesar da valorização, neste mesmo período o uso do renovável seguiu mais vantajoso do que a gasolina, com a paridade permanecendo abaixo dos 60% no Estado de São Paulo. A alta de preço reflete o aumento das cotações do açúcar, a melhora do consumo doméstico de etanol e as interrupções de moagem decorrentes das chuvas atípicas em um ano de El Nino muito forte.

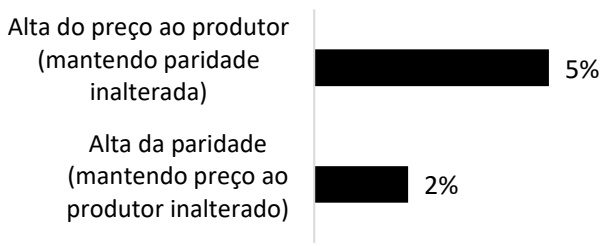
Esperávamos uma reação mais consistente a partir de agosto, de forma que os 1,92 B L de etanol hidratado comercializados em julho pelas distribuidoras, recorde para o mês, surpreendeu positivamente. A tendência é de continuidade do avanço da demanda, favorecendo a consolidação de preços mais remuneradores aos produtores.

No campo institucional, sinais positivos. O Ministério de Minas e Energia deve publicar ainda em setembro a portaria autorizando os testes destinados a avaliar a viabilidade técnica da mistura de 35% do etanol na gasolina - medida relevante, capaz de gerar entre 2-2,5 B L adicionais de demanda anual de etanol anidro. Em 27/ago, houve a sanção da Lei Complementar nº 235, que assegura a vantagem competitiva dos biocombustíveis diante de reduções tributárias aplicadas aos combustíveis fósseis. Com base nesse dispositivo, o PIS/COFINS do etanol hidratado foi zerado justamente para compensar a redução de R$ 0,63/L do mesmo tributo incidente sobre a gasolina A. Simultaneamente, a Petrobras encerrou o desconto de R$ 0,44/L às distribuidoras, pois a Medida Provisória que amparava legalmente essa subvenção perdeu validade em 9/set. Essas mudanças, combinadas, ampliam a paridade potencial do hidratado em até 2 pp, ou, sob outro prima, elevam o preço potencial ao produtor em 5% (sob hipótese de margens constantes).

Contudo, as novas alíquotas de PIS/COFINS vigorarão apenas entre 10/set e 9/out, mantendo a tributação dos combustíveis como tema relevante para o mercado no curto prazo, especialmente diante da volatilidade do petróleo, da escalada dos cracks (margem teórica de refino), e da defasagem entre a gasolina brasileira e o produto importado.

R$/L	Gasolina A	Anidro	Hidratado
Como estava (até 9/set)			
PIS/COFINS	0,79	0,19	0,19
CIDE	0,10		
Subvenção	-0,44		
Como ficou (10/set-9/out)			
PIS/COFINS	0,16	0,19	0
CIDE	0,10		
Subvenção	0		

Mudanças tributárias



Formação de preços verificada em jul/26 e ago/26



Tensões no Oriente Médio elevam cautela no mercado de fertilizantes

A escalada das tensões no Oriente Médio reforçou as preocupações com logística e abastecimento no mercado internacional de fertilizantes. Nesse contexto, os nitrogenados registraram valorização, enquanto os fosfatados foram influenciados por uma demanda doméstica mais contida e os potássicos seguiram em trajetória mais estável.

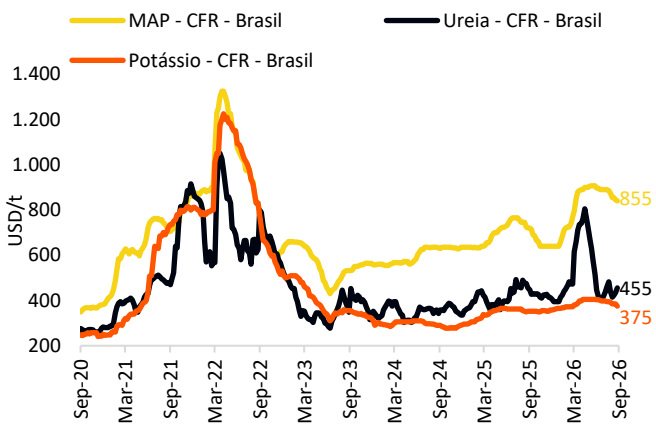
A escalada das tensões no Oriente Médio voltou a elevar a percepção de risco no mercado global de fertilizantes. O Brent ultrapassou USD 108/barril na semana, refletindo o aumento das incertezas logísticas em importantes corredores marítimos. Apesar de a alta do petróleo não implicar aumento proporcional dos custos dos nitrogenados, o movimento reforça a vulnerabilidade da cadeia global de fertilizantes a interrupções logísticas, elevação dos fretes e riscos de oferta, mantendo o mercado sensível a novos choques.

Com isso, no mercado de nitrogenados, tanto a ureia quanto o sulfato de amônio apresentaram alta. No CFR Brasil, a ureia está negociada a USD 468/t, enquanto o sulfato de amônio está em USD 242,5/t. As compras também têm sido menores até o momento, com queda de 23% nas importações de ureia entre jan-ago/26 e o mesmo período do ano passado, somando 2,8 MM t. O sulfato de amônio recua 13% na mesma comparação, totalizando 3,3 MM t.

Até o momento, as compras de fertilizantes para a safra de verão estão praticamente concluídas nas principais praças para potássicos e nitrogenados, enquanto ainda há importantes centros consumidores com volume relevante de fosfatados a ser adquirido no Sul e Sudeste. Essa menor demanda tem contribuído para a queda das cotações do MAP, negociado a USD 838/t no CFR Brasil. Do início do ano até o momento, foram importadas 1,98 MM t de MAP, queda de 18% em relação ao mesmo período de 2025. No mercado internacional, por outro lado, as cotações seguem mais firmes, com o MAP no Golfo negociado a USD 795/t.

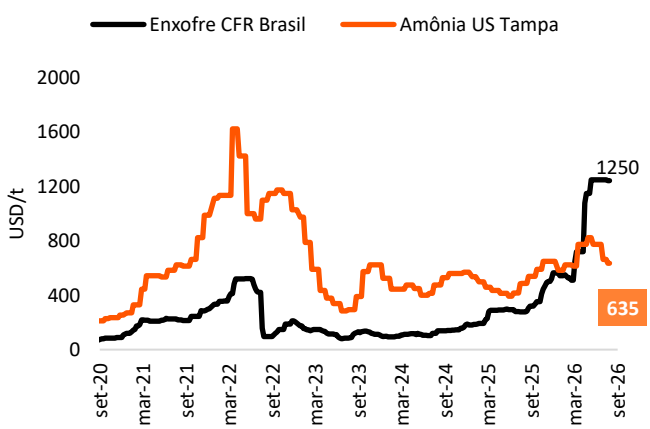
Já nos potássicos, o cenário tem sido mais confortável. O KCl está negociado a USD 365/t CFR Brasil. Até o momento, foram importadas 9,8 MM t, volume 3% inferior ao registrado em jan-ago/25.

Preços de fertilizantes nos portos brasileiros



Fonte: Eikon

Preços do enxofre e da amônia



Fonte: Eikon

Acompanhe nossos conteúdos

Escaneie nosso QR Code ou clique nos links abaixo para acessar nossos canais

Faça parte da nossa comunidade no WhatsApp!

Relatórios Recentes

Podcast Prosa Agro

Academia Agro Itaú BBA

Consultoria Agro	Consultoriaagro@itaubba.com
Mesa de clientes	Mesaclientesagro@itaubba.com
Fone	(11) 3708-8130

/ Itaú BBA

Informações Relevantes

1. *Este material foi desenvolvido e publicado pelo Itaú Unibanco S.A. ("Itaú Unibanco") e não deve ser considerado um relatório de análise para os fins do artigo 1º da Instrução CVM n.º 598, de 3 de maio de 2018 ou como consultoria de valores mobiliários para os fins do artigo 1º da Instrução nº 592, de 17 de novembro de 2017.*

2. *Este material tem objetivo meramente informativo e não constitui e nem deve ser interpretado como sendo uma oferta de compra e/ou venda ou como uma solicitação de uma oferta de compra e/ou venda de qualquer instrumento financeiro, ou de participação em uma determinada estratégia de negócios em qualquer jurisdição. As informações contidas neste documento foram consideradas razoáveis na data em que o relatório foi divulgado e foram obtidas de fontes consideradas confiáveis e passíveis de divulgação. Entretanto, o Itaú Unibanco não dá nenhuma segurança ou garantia, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Este material também não tem a intenção de ser uma relação completa ou resumida dos mercados ou desdobramentos nele abordados. O Itaú Unibanco não possui qualquer obrigação de atualizar, modificar ou alterar as informações nele contidas e informar o respectivo leitor.*

3. *Este material não pode ser reproduzido ou redistribuído para qualquer outra pessoa, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem o prévio consentimento por escrito do Itaú Unibanco. O Itaú Unibanco e/ou qualquer outra empresa de seu grupo econômico não se responsabiliza e tampouco se responsabilizará por quaisquer decisões, de investimento ou e outra, que forem tomadas com base nos dados aqui divulgados.*

4. *O Itaú Unibanco não se responsabiliza pelo preenchimento incorreto e/ou impreciso deste material, e nem pelas decisões de gerenciamento que possam ser tomadas com base nos dados e gráficos aqui produzidos. O preenchimento, análise e decisões relativas a este material são de inteira responsabilidade dos clientes e não devem ser interpretados como projeções produzidas pelo Itaú Unibanco.*

Observação Adicional: *Este material não leva em consideração os objetivos, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer cliente em particular. Os clientes precisam obter aconselhamento financeiro, legal, contábil, econômico, de crédito e de mercado individualmente, com base em seus objetivos e características pessoais antes de tomar qualquer decisão fundamentada na informação aqui contida. Ao acessar este material, você reconhece que este contém informações proprietárias e concorda em manter esta informação somente para seu uso exclusivo.*